

Teias do cotidiano

o bairro de Pinheiros entre 1910 e 1940

Elisa Zocca Carneiro

Orientadora Ana Lucia Duarte Lanna

TFG FAUUSP
2022

Teias do cotidiano o bairro de Pinheiros entre 1910 e 1940

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Carneiro, Elisa Zocca

Teias do cotidiano: o bairro de Pinheiros entre 1910 e 1940 / Elisa Zocca Carneiro; orientadora Ana Lanna Lucia Duarte Lanna. - São Paulo, 2022.
83 p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Pinheiros. 2. Bairros. 3. Cotidiano. 4. Cartografia.
I. Lanna, Ana Lanna Lucia Duarte, orient. II. Título.

Teias do cotidiano o bairro de Pinheiros entre 1910 e 1940

Elisa Zocca Carneiro

Orientadora Prof. Dra. Ana Lucia Duarte Lanna

Trabalho final de graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

Julho de 2022

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo final compreender o processo de metropolização da cidade de São Paulo através do estudo do bairro de Pinheiros, no período de 1910 a 1940. Utilizamos como metodologia de pesquisa o cruzamento de diversas fontes: atas da câmara municipal, listas de impostos comerciais e livros de emplacamento, além dos jornais de época que noticiaram assassinatos, suicídios, conflitos, denúncias, e anúncios. Estas fontes nos revelam em suas narrativas características da ocupação do bairro, do seu uso cotidiano, e daquelas pessoas que ali circulavam e conviviam, revelando uma ocupação extremamente heterogênea e plural. Focamos em ruas como escala de análise, constituindo teias do cotidiano a partir da sobreposição e cruzamento espacial de fontes que nos ajudam a compreender as mudanças e permanências em diversos temas latentes no período, como sanitarismo, hábitos, lazer, moradia, melhoramentos urbanos. Com a constituição das redes de cotidiano procuramos criar cartografias que deem conta de representar essa escala da vida urbana do período, e que ao mesmo tempo busquem questionar mapas históricos geralmente utilizados como análise da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: cotidiano; cartografia; bairro de Pinheiros.

Abstract

The present thesis has as final goal to understand São Paulo's metropolization process through the study of Pinheiros neighborhood, from 1910 to 1940. The methodology used is based on the crossing between many sources: register from the municipal council, commercial taxes and registration books, in addition to the local newspapers that reported murders, suicides, conflicts, denunciations, and advertisements. These sources reveal, in their narratives, characteristics of the neighborhood occupation, its daily use, and those who circulated and lived there, revealing an extremely heterogeneous and plural occupation. We focus on streets as a scale of analysis, constituting day-to-day networks from the overlapping and spatial crossing of sources that help us understand the changes and continuities in various latent themes in that period such as sanitation, habits, leisure, dwelling and urban improvements. With the constitution of day-to-day networks, we elaborate cartographies that represent this scale of urban life, and that at the same time question historical maps generally used for analysis of the city of São Paulo.

Day-to-day networks: Pinheiros neighborhood between 1910 and 1940.

Key-words: day-to-day; cartographie; Pinheiros neighborhood.

Índice

04 resumo

07 agradecimentos

08 partida

10 o caminho da pesquisa

15 o caminho da cartografia

24 Teia 1: arco verde, capote valente, theodoro sampaio

34 Teia 2: mourato coelho, fradique coutinho, cônego eugênio leite

48 Teia 3: joão moura, alves guimarães

62 Teia 4: cunha gago, paes leme, butantã

73 chegada

78 figuras

79 fontes

80 mapas históricos e imagens aéreas

81 referências

Agradecimentos

Primeiramente devo agradecer aos meus pais Maristela e Everardo, que me forneceram toda a base que eu precisei para chegar até aqui. Sem o carinho, as conversas metodológicas, as comidas deliciosas, teria sido muito mais difícil percorrer este caminho. Além dos meus pais, agradeço minhas famílias, primas, tias, padrinho, vovó Lia escolhida a dedo, Cida, obrigada pelo acolhimento.

Obrigada Gabriel por me ajudar a fugir do trabalho, pelas risadas, e esfihas.

Também devo agradecer aos amigos que estão comigo desde antes da fau, amigos da escola e do cursinho. Amigos que conheço desde os três anos, que passaram junto comigo pelos processos (traumáticos?) de provas da Jacy, do primeiro beijo, a passar no vestibular.

Aos amigos da fau, obrigada. Marina, Mari, Pedro, Port, Arthur, Mario, Bia, Bruna, Billi, e muitos outros que eu já fiz grupo junto, reclamei de algum namorado e/ou trabalho. Tive muita sorte de conseguir encontrar vocês nesse caminho, e fico animada pelo que vamos viver agora, no futuro.

Um agradecimento especial a minha irmã de coração Vic, crescemos juntas todos esses anos, eu te amo!

Da fau também tenho de agradecer aos professores fundamentais na minha formação, e aos funcionários que fazem a faculdade operar diariamente. À minha orientadora Ana Lanna, obrigada pelos conselhos de vida, por acalmar minha ansiedade desde o início, e me inserir em inúmeras discussões com os orientandos e grupos de pesquisa, essenciais para a construção deste trabalho.

Por fim, devo agradecer aos colegas de DPH, principalmente a querida Dalva, obrigada pelos inúmeros ensinamentos. Vocês todos me ajudaram muito a compreender uma das formas de lutar pela cidade e trabalhar coletivamente, obrigada pela oportunidade de contribuir.

Partida

O bairro de Pinheiros é entendido na história da cidade de São Paulo como parte da expansão da mancha urbana na direção sudoeste, ao longo dos séculos XIX e XX. Com origens entre aldeamentos indígenas e a forte dominação colonial jesuítica, o crescimento do bairro ocorre em meio a ruas e caminhos que conectam áreas ocupadas e vazias, em momentos um entreposto, e em outros uma centralidade da região — oscilando entre as noções de cidade, subúrbio e povoação (LANNA, 2022).

Analizando jornais de época vemos como apenas a partir da virada do século e na primeira década do século XX o bairro parece receber maior atenção e espaço nos meios de comunicação do período, uma das principais fontes que este trabalho adota para compreender seu cotidiano. A região se configura como bairro e espaço urbano na primeira metade do século XX, e pelas notícias conseguimos apreender características do que era viver na cidade naquele período.

As ruas da área do bairro de Pinheiros mais próxima ao rio e do loteamento Villa Cerqueira César são poucas vezes citadas nos primeiros anos do novo século, quase que exclusivamente relacionadas a temática de melhoramentos urbanos, o abandono do olhar público para a região, a falta de redes de encanamento de esgotos, ou o insuficiente sistema de recolhimento de lixo. Com a chegada dos anos 1920, vemos o crescimento de notícias de temas mais variados: festas católicas, anúncios de venda, acidentes de trânsito, roubos, suicídios, assassinatos, bailes, brigas — mas sempre com as persistentes reclamações de desasco público com o bairro.

Pinheiros é noticiado em certos momentos nos jornais de época como constituindo parte da metrópole de São Paulo, inserida em um ideal de metrópole acelerada e emancipadora que Sevcenko traz em sua descrição das intensas mudanças do período. Em outros momentos Pinheiros é colocado como externo ao processo, como um lugar ainda excluído das mudanças pelas quais a cidade passava. Dessa forma os jornais nos ajudam a compreender esse processo de metropolização complexo e intrincado, com diversas facetas, aspectos e práticas que fogem de ideias monolíticas que a constituem, como a rapidez, o caos

avassalador, a monumentalidade (SEVCENKO, 1992). Demonstrar que esta metrópole também tem características que fogem de narrativas estabelecidas é um dos objetivos deste trabalho.

A pesquisa busca, através de jornais de época, atas da câmara municipal, listas de impostos comerciais e livros de emplacamento, revelar o cotidiano do bairro de Pinheiros e confeccionar, a partir dessas fontes, redes e conexões que revelam na mesma vizinhança experiências completamente diferentes de viver uma metrópole. Este trabalho não pretende dar conta de recriar a história de todo o bairro e de todos que ali viveram, muito menos esclarecer verdades sobre o objeto de estudo. Escolhemos a partir da mobilização das fontes, tratar certos recortes, temas, personagens e escalas, costurando possíveis relações.

Buscamos, portanto, a partir dessa ideia de muitos recortes de intervenção que incidem na mesma área da cidade, complexificar conceitos dicotômicos constantemente utilizados para falar sobre bairros de São Paulo na primeira metade do século XX, como rural e urbano, ou centro e subúrbio. Pinheiros é em certos momentos entendido como um subúrbio ocupado pelos setores médios (REALE, 1982), mas nos jornais o bairro se revela como extremamente heterogêneo, com um cotidiano construído por atores de diversos setores da sociedade — e que constantemente entravam em conflito. O olhar que escolhemos enfatizar para Pinheiros indefine os limites desses conceitos, demonstrando momentos em que eles são operados de formas diferentes para o mesmo lugar, dependendo do objetivo buscado pelos agentes. Esses jogos de interesses dos diferentes setores envolvidos na construção do bairro são explicitados nas notícias, de forma semelhante a como Monique Borin evidenciou analisando a Barra Funda do fim do século XIX ao início do XX:

“[...] A experiência, tal como a tratamos aqui, é um elemento essencialmente relacional na sociabilidade dos agentes históricos, sendo, ao mesmo tempo, tanto o que eles viveram concretamente, quanto as perspectivas que foram derrotadas ao longo do caminho, o que poderia ter sido e não foi. Assim se trata da vivência e da representação, dos embates e dos conflitos, das visões de mundo que venceram e das que foram soterradas (THOMPSON, 1981). Trilhando dessa senda, nos deparamos com uma história da Barra Funda que aos poucos foi se evidenciando como representativa de um momento peculiar que atravessava a urbanização paulista: um bairro que contava com uma ocupação mista e tinha sua estruturação urbana envolta em um intrincado jogo de interesses dentro de setores da própria elite, do poder público e, ao mesmo tempo, dos moradores que construíram e significavam o bairro e a sua forma.” (BORIN, 2014)

O caminho da pesquisa

O período escolhido desta pesquisa tomou a incidência de notícias como um indicativo da constituição do bairro e de sua crescente presença no espaço urbanizado. Utilizando os nomes das ruas da região antiga de Pinheiros e do loteamento Villa Cerqueira César como chave para pesquisa nos bancos de jornais de época, vemos um aumento de resultados a partir de 1910. Em 1909 Pinheiros recebe um importante melhoramento urbano que é compreendido como um dos impulsos na ocupação urbana local — a linha 29 do bonde que conecta a região através da Rua Teodoro Sampaio é prolongada, tendo como ponto final o Largo de Pinheiros.

É neste momento que o bairro parece receber uma maior atenção dos jornais. No início do período percebemos muitas reclamações de descaso do poder público com o bairro, e as primeiras notícias de acidentes como atropelamentos e choques de carros e carroças; com a passagem dos anos, vemos uma diversificação das notícias, crimes narrados de forma sensacionalista, roubos e brigas, que descrevem uma região já mais ocupada nas décadas seguintes de 1920 e 1930.

Por fim, em meados de 1930 e em 1940, observamos um aumento dos anúncios de venda de produtos, da construção de prédios, pontos comerciais e casas em série disponíveis para aluguel. Já nos anos 1940, nota-se um crescimento no volume de notícias, e imagens aéreas do bairro nos mostram uma região praticamente ocupada, momento que escolhemos como encerramento do período de pesquisa.

Dessa forma, o recorte temporal se define a partir da incidência das notícias nos jornais e da progressiva inserção urbana de Pinheiros, sendo estes os indicativos da transformação de espaço suburbano a bairro integrante da metrópole. O aumento da ocorrência das ruas de Pinheiros nos jornais, aliado a um olhar para os melhoramentos urbanos da área, nos coloca essa progressiva inserção entre as décadas de 1910 e 1940.



Fig. 1: Recorte de imagem aérea da cidade de São Paulo em 1940. Vemos no centro da imagem o Cemitério São Paulo, e um pouco mais ao sul a antiga Hípica de Pinheiros.

A pesquisa nos jornais privilegiou as ruas perpendiculares à movimentada e intensa Teodoro Sampaio quando olhamos para a área do loteamento Villa Cerqueira César, com as ruas formando uma malha quadriculada. Já na antiga região de Pinheiros, ligada ao seu passado colonial e constituída pela área com traçados viários mais irregulares e próximo ao Rio Pinheiros, buscamos pesquisar a maioria das ruas existentes. Trazemos um olhar para as ruas perpendiculares à Rua Teodoro Sampaio também com o objetivo de não focar apenas nas ruas mais movimentadas de Pinheiros, e consequentemente de maior incidência nos jornais. Ao olharmos para as ruas transversais mobilizando as diversas fontes conseguimos observar como as experiências não são as mesmas para todas as áreas do bairro, e percebemos uma diversidade que vai além das áreas onde estão em alguns casos concentrados os melhoramentos urbanos.

Também é um objetivo deste trabalho demonstrar como as fontes revelam que Pinheiros não é uma região com fronteiras únicas e definidas. Em alguns momentos as áreas da cidade hoje compreendidas como bairros são descritas como mescladas, e em outros as diferenças entre essas regiões são explicitadas. O fato de escolhermos realizar a pesquisa a partir do nome da rua não só nos aproxima dessa escala de análise do indivíduo, mas também nos ajuda a demonstrar como essas fronteiras e suas porosidades são operadas.

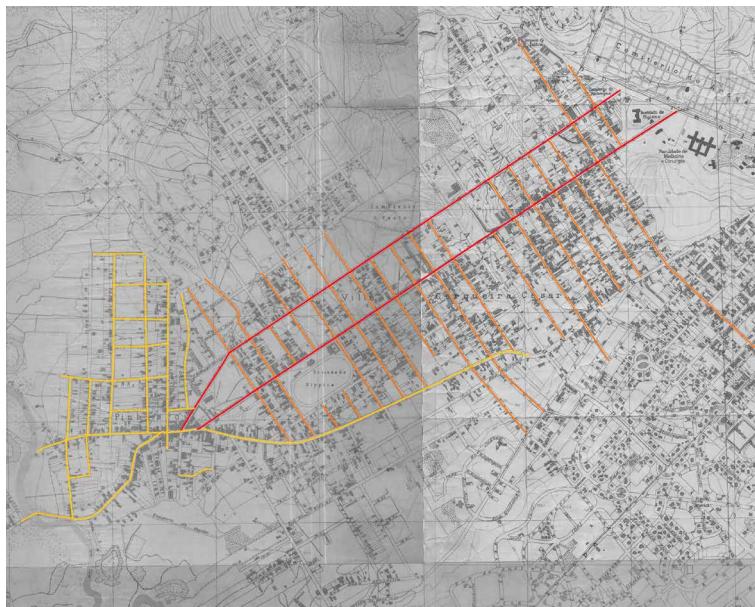


Fig. 2: Destacadas, no Mapa SARA Brasil, em vermelho as ruas Cardeal Arcoverde e Teodoro Sampaio, em laranja as ruas pesquisadas perpendiculares da malha quadriculada, e em amarelo as ruas pesquisadas da malha do antigo bairro de Pinheiros.

A procura pelas ocorrências do dia-a-dia, os caminhos realizados pelos moradores do bairro, os lugares frequentados ou não por certos indivíduos nos momentos de lazer são temas difíceis de serem apreendidos do passado. Dessa forma, este trabalho buscou constituir uma metodologia de pesquisa que não só estivesse atenta a essas peças que construíram o cotidiano da cidade na escala da rua, mas que também evidenciasse as intervenções feitas por personagens como o poder público e grandes empresas, ambos também responsáveis pelas decisões de onde e quando implementar melhoramentos urbanos no bairro.

Dessa maneira, partimos da premissa de que o cruzamento de diversas fontes nos permite uma compreensão do urbano muito diversificada, complexificando as forças atuantes, nos ajudando a mobilizar visões de ângulos diferentes para um mesmo local (BORIN, 2016). Este cruzamento das fontes não foi estabelecido a partir de temas em comum que elas apresentem, e sim pelo endereço próximo evidenciados nas fontes pesquisadas. Duas das fontes utilizadas, os jornais de época e a lista de Impostos de Indústrias e Profissões, localizam suas informações a partir do endereço (nome da rua e número da edificação), o que nos instigou a analisar o que era contado sobre Pinheiros a partir de ideias de vizinhança e proximidade; além disso todas as fontes foram pesquisadas

utilizando o nome da rua, o que nos permite constituir o que chamamos de redes de cotidiano com o cruzamento desses endereços. Esta forma de olhar para as fontes a partir de sua espacialização nos levou a construir novas cartografias para o bairro — da qual falaremos mais adiante.

Utilizamos neste trabalho como fonte principal os *jornais de época*. Os Acervos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital e do jornal *O Estado de São Paulo* foram pesquisados a partir dos nomes de ruas de Pinheiros, durante as décadas de 1910, 1920 e 1930; selecionamos uma série de reportagens de diversos formatos: assassinatos, suicídios, assaltos, conflitos, acidentes, além de denúncias e reclamações, revelam na sua narrativa características da ocupação do bairro, do seu uso cotidiano, e daqueles que ali circulavam e conviviam.

Neste caderno decidimos, quando possível, colocar o recorte original da notícia ou anúncio utilizado, retirado dos acervos da Acer-
vos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital. Apesar do uso da notícia transcrita facilitar a leitura, escolhemos colocar o recorte para aproximar o leitor do trabalho à fonte pesquisada; as fontes tipográficas utilizadas nos jornais, as falhas de impressão, a linguagem utilizada nas notícias e as diferenças na ortografia das palavras ajudam a inserir o leitor no período estudado.

Foram consultadas as *listas de Impostos de Indústrias e Profissões*, publicadas no jornal *Correio Paulistano* nos anos de 1927 e 1928. Estas listas divulgaram os comércios existentes nas ruas da cidade, com informações como a/o proprietária/o do negócio, o endereço, e o que era vendido no estabelecimento — sendo o nome evidenciado nas listas relacionado ao negócio, e não necessariamente à propriedade imobiliária. Aliados aos endereços das notícias anteriormente descriptas, nos revelam os comércios existentes no bairro, e nos ajudam a compreender melhor a configuração da rua, uma importante escala de análise deste trabalho.

As *Atas e Anais da Câmara Municipal* da cidade de São Paulo também foram pesquisadas, a partir dos nomes de ruas de Pinheiros e do período de pesquisa adotado. Esta fonte nos dá um olhar dos diferentes discursos sobre as alterações urbanas necessárias e projetadas para o bairro, permitindo não apenas um entendimento de Pinheiros na sua escala de conexão com outras áreas da cidade, mas também das discussões dos setores públicos e privados que tomavam decisões que afetaram a vida cotidiana da região.

A consulta presencial aos *livros de emplacamento* do Acervo Permanente do Arquivo Histórico Municipal, nos ajudou a conseguir localizar espacialmente os endereços das notícias e dos impostos. Com essa primeira espacialização, foi possível construir os caminhos e redes

de cotidiano através da sobreposição de endereços próximos ou iguais, compreendendo onde estão localizados os lugares descritos na notícia, e consequentemente sua conexão com outras notícias.

O que denominamos neste trabalho como teias do cotidiano se constrói a partir do entrelaçamento de todas essas fontes, e da consequente sobreposição de narrativas. Com isso trazemos à tona uma diversidade de temas que aparecem em disputa no período de estudo: sanitarismo, hábitos, lazer, moradia, problemas urbanos como o lixo, as áreas de várzea, a violência e confrontos entre os habitantes. É importante evidenciar que esta pesquisa não tem como objetivo demonstrar como Pinheiros tem uma maior ou menor incidência de crimes quando comparados a outros bairros, dado que a criminalidade sempre ocorreu na cidade em todos os seus momentos históricos (FAUSTO, 2001). Todos esses temas aparecem como discussões nas fontes da primeira metade do século XX, mas ainda estão presentes na cidade de São Paulo e no bairro de Pinheiros como problemas na atualidade.

O caminho da cartografia

Desde o início do trabalho de pesquisa, colocamos a proposta de criar novas cartografias para o bairro de Pinheiros, que dessem conta de territorializar, espacializar as informações pesquisadas. Esta ideia se colocava a partir da análise dos mapas que constantemente são utilizados como fonte de pesquisa para o bairro, como os levantamentos do Mapa SARA Brasil de 1930 ou o consórcio Vasp-Cruzeiro de 1954, e do entendimento de que essas representações do território não são registros imparciais da cidade.

Eliane Kuvasney discute, a partir da análise da lógica de espraiamento da cidade de São Paulo na direção sudoeste, o quanto as cartografias elaboradas na virada do século contribuíram como operadores ativos desses espaços. Com ações como inserir em mapas, loteamentos ou ruas que ainda não estavam traçados fisicamente no território, esses documentos se tornam também “sujeitos das ações de transformação do território” (KUVASNEY, 2017). A escolha das escalas, de arrabaldes que seriam ou não representados, materializam as mudanças de entendimento da cidade de São Paulo pelos diversos agentes que nela atuavam (KUVASNEY, 2016). Mapas, portanto, não se colocam como apenas representações da realidade, articulam discursos e práticas sobre os territórios que desenham, e ativamente interferem de volta nesses territórios (KOLLEKTIV ORANGOTANGO, 2018).

As fontes que utilizamos neste trabalho revelam constantemente experiências muito diversas do bairro de Pinheiros, sendo esta uma questão que deveria ser explicitada na cartografia que buscávamos criar. Renata Marquez nos coloca, em seu artigo “O mapa como relato”, o conceito de mapas que trazem diversas experiências, que vão além de apenas descrições territoriais:

“ [...] Sendo assim, o que ocorre quando o mapa se transforma em coisa-em-ação, para além da sua função instrumental de ser legível? Aí a sua propriedade comunicacional desdobra-se de leitura cartográfica para uma densidade perceptiva ou uma prática espacial. Em vez de manifestação territorial singular, o mapa pode ser reinstrumentalizado como manual, dispositivo de novos relatos, guia para navegações cotidianas que vão além do seu lugar-matriz.” (MARQUEZ, 2014, p.54)

No livro *Atlas Ambulante*, vemos um exemplo desta cartografia para navegações cotidianas que descreve Marquez. O livro tem como proposta registrar a experiência de vendedores ambulantes que circulam na cidade de Belo Horizonte, registrando não apenas seus trajetos, mas suas práticas, os sons que emitem, os produtos e utilitários do seu trabalho.

“[...] Homens e mulheres que praticam uma cartografia que fica sem registro, que não é notada nem entendida como prática espacial e sim tolerada — mas nem sempre — como prática comercial do setor informal. Para cada um deles corresponderia um mapa, uma rota de percepções e ações que singularizam a experiência urbana. São sujeitos cartográficos que acrescentam à noção de sujeito-com-uma-história a ideia de sujeito-com-uma-geografia.” (LAMAS et al., 2011, p.8).

Os organizadores do livro se propõem a elaborar cartografias particulares, com “experiências multifacetadas” da cidade a partir dos vendedores ambulantes, registros que trabalham com o cotidiano. O *Atlas Ambulante* revela uma cidade pública e heterogênea, características marcantes também nas fontes utilizadas para a pesquisa deste trabalho. Dessa forma, chegamos à conclusão de que poderíamos cartografar as trajetórias realizadas pelos agentes que aparecem em nossas fontes, registrando experiências diferentes da cidade que propõem uma nova leitura.

Partimos, portanto, da ideia de que a cartografia que elaboraríamos seria composta de escolhas, de evidenciar certas características e apagar outras; não existe neutralidade. Essas escolhas foram tomadas de acordo com o que buscamos trazer à tona: uma cidade permeada por caminhos diversos, construídos por personagens em diversas escalas de poder, heterogênea, em transformação, constantemente em disputa. Dessa forma, explicar o processo de elaboração das cartografias — o *caminho* que nos levou ao que produzimos — é essencial para a compreensão do resultado final do trabalho.

Um dos primeiros passos essenciais para a construção das teias de cotidiano foi a espacialização inicial das fontes trabalhadas, utilizando a ferramenta *Google MyMaps*. Com a consulta dos livros de emplacamento, as numerações de rua foram atualizadas para os endereços atuais, permitindo situar os locais mencionados nas fontes consultadas. Este recurso foi necessário pois, desde o início, o trabalho se propunha metodologicamente a construir as redes de cotidiano a partir

de proximidades, de *vizinhanças*, e não necessariamente de temas em comum nas fontes. Essa escolha foi feita com o objetivo de compreender a heterogeneidade dessas teias, que não seriam tão evidenciadas se as notícias pesquisadas fossem separadas pelos temas em comum.

A partir da decisão das teias de cotidiano que seriam discutidas, foi necessário focar em algumas ruas do bairro de Pinheiros, dado o grande volume de fontes que encontramos; as notícias, atas e lista de impostos tratam de ruas como Capote Valente, João Moura, Cônego Eugênio Leite, Mourato Coelho, Cunha Gago e Paes Leme. Algumas outras ruas, como a Cardeal Arcoverde e Teodoro Sampaio são recorrentes nas fontes, também figurando em certas teias.

Com essa espacialização, as fontes foram divididas em quatro teias de cotidiano, cada uma delas representando recortes do bairro de Pinheiros e áreas adjacentes. As ruas às vezes se repetem em algumas teias, com sobreposições de pedaços do mapa, constituindo quando reunidos um mosaico que forma uma cartografia possível para o bairro.

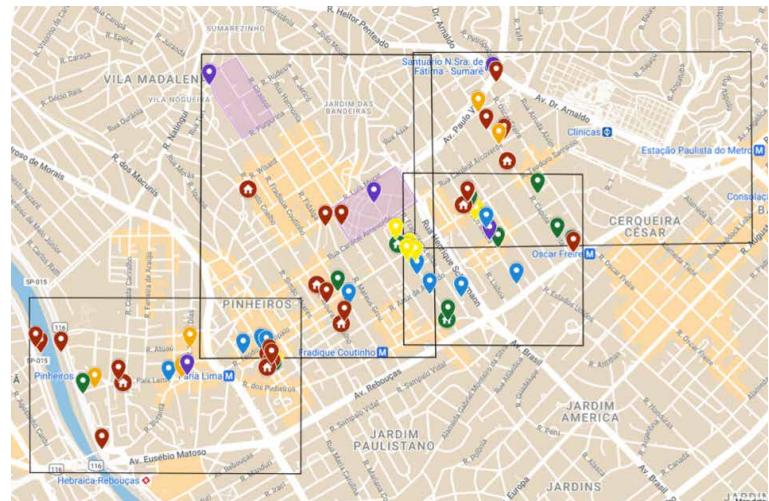


Fig. 3: Espacialização das fontes realizada através da ferramenta Google MyMaps; em preto os perímetros de abrangência das quatro teias.

Com a definição da abrangência dessas quatro cartografias, iniciamos a elaboração da base dessas cartografias. Ao longo do trabalho de pesquisa, o *Mapa Topográfico do Município de São Paulo* foi uma importante fonte de informações, realizado em 1930 pela empresa S.A.R.A. Brasil, uma das primeiras cartografias que registraram a cidade de São Paulo à escala do lote e da edificação, e que constantemente é utilizada como fonte de consulta em pesquisas sobre a primeira metade do século XX.

Em outubro de 1928 a empresa romana *Società Anonima Rilevamenti Aerofotogrammetrici* (s.A.R.A) vence a concorrência para executar o levantamento do município, que seria composto por diversas etapas envolvendo equipes de trabalho no Brasil e na Itália, com a realização de levantamentos topográficos e aerofotográficos com métodos extremamente atualizados para a época. As fotos aéreas tiradas foram enviadas à Itália, onde as imagens seriam organizadas, elaborando mosaicos fotográficos que através de equipamentos permitiriam automatizar parte do processo cartográfico (MENDES, 2014). O processo de cartografia a partir de fotografias aéreas foi utilizado como referência para construir a ideia de quatro teias, que encaixadas, representem um mosaico de uma cartografia para uma parte da cidade de São Paulo.

Escolhido, portanto, como uma das fontes para construir as bases da cartografia deste trabalho, o mapa SARA Brasil de 1930 é uma cartografia com muitos elementos — topografia, hidrografia, arruamento, traçados do lote, edificações, caminhos, etc. — e por isso realizamos como primeiro exercício de análise a decomposição desses elementos, separando aqueles que seriam imprescindíveis para ajudar a mapear as teias construídas no trabalho.

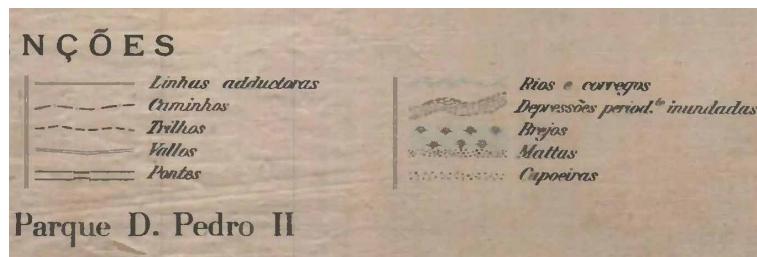


Fig. 4: Parte do carimbo da Folha 63 do Mapa SARA Brasil de 1930, na escala 1:5.000.

Logo de início um elemento do mapa foi identificado como essencial para a discussão do bairro de Pinheiros: sua topografia. O Mapa SARA Brasil apresenta curvas de nível que corroboram com descrições do bairro existentes nas fontes pesquisadas, além de esta ser uma questão extremamente constitutiva do bairro na primeira metade do século XX, abrangência deste trabalho. Por essa razão, a topografia foi redesenhada utilizando o SARA como base, e em seguida iniciou-se uma pesquisa para uma representação que ajudasse a visualizar essas alterações na topografia tão característica. Optou-se por transformar as curvas de nível em manchas de cor, que se tornam mais escuras nas áreas mais profundas de vale.

Outra importante característica do Mapa SARA Brasil levada para as cartografias do trabalho são os rios e pequenos corpos d'água,

completamente conectados com a topografia do bairro. O mapa de 1930 traz esses elementos como linhas muito finas que em certos momentos dificultam sua visualização, o que não condiz com o protagonismo que recebem nas fontes pesquisadas. Apesar de hoje em dia grande parte desses corpos d'água terem se tornado córregos subterrâneos, eles se mostram presentes pelo traçado urbano em algumas partes do bairro de Pinheiros, e o olhar para essas cartografias de época deixa isso evidente.

Por fim, realizamos o trabalho com as edificações presentes no Mapa SARA Brasil, desenhos que se mostram muito semelhantes às construções preservadas atualmente. Como as fontes pesquisadas traziam endereços, pareceu essencial conectá-los às edificações desenhadas na cartografia de época; por essa razão optamos pelo redesenho individual das edificações, mantendo as formas nas novas cartografias. Apesar de ser um esforço demorado, o desenho da vista superior dessas edificações já nos dá pistas sobre elas, e mostra questões que são discutidas no trabalho, como a intensa presença de casas em série geminadas no bairro.



Fig. 5: Recortes de casas em série geminadas, algumas com a presença de ruas de acesso internas à quadra, configurando uma vila.

Foi importante, inclusive, trazer as edificações para a cartografia das teias sem a presença das linhas que desenham o lote, permitindo perceber a contraposição entre o alinhamento das edificações com a rua, e a confusão, imprecisão e indefinição do interior da quadra. Conseguimos, desta forma, evidenciar vazios e cheios presentes no bairro, e alinhamentos e desalinhamentos que caracterizam a ocupação da cidade.



Fig. 6: Comparação do mesmo recorte do Mapa SARA Brasil em sua versão original, e na representação escolhida para as cartografias, dando ênfase ao desalinhamento do interior da quadra.

Em paralelo a este trabalho com o Mapa SARA Brasil, iniciamos um estudo de outro registro da cidade de São Paulo que se insere no período deste trabalho: as fotografias aéreas de 1940. Apesar de disponíveis à consulta pública online no Mapa Digital da Cidade de São Paulo (GeoSampa), encontramos poucos trabalhos que utilizassem estas fotografias como fonte de estudos da cidade e do bairro de Pinheiros. O levantamento foi encomendado em um acordo entre o Ministério da Agricultura e a Secretaria de Agricultura do Estado, com objetivo de instrumentalizar uma série de ações de apoio ao cultivo realizado no estado. Tanto o levantamento SARA Brasil de 1930 quanto o consórcio Vasp-Cruzeiro de 1954 geraram, a partir dos mosaicos de aerofotografias, levantamentos cartográficos em diversas escalas; em compensação, para as fotos de 1940 não foram encontradas cartografias impressas ou foto-mosaicos (MENDES, 2015).

Iniciamos a montagem de um fotomosaico para analisar a região de Pinheiros e adjacências, e percebemos algumas lacunas no levantamento, em áreas próximas ao Rio Pinheiros, que nestas fotografias já aparece parcialmente retificado. Apesar de aparentemente não existirem cartografias originadas deste levantamento, a análise destas imagens, mesmo com lacunas, nos permite ver muito do bairro de Pinheiros e das mudanças em uma década; quadras que aparecem sem edificações no Mapa SARA Brasil, em 1940 aparecem já ocupadas. O adensamento construtivo do bairro é evidente. Vemos inclusive informações que no levantamento de 1930 não são exibidas, como as árvores plantadas aos longo da Rua Teodoro Sampaio e da Avenida Rebouças, quadras possivelmente ocupadas por campos de futebol, e ruas desenhadas no levantamento de 1930 que em 1940 aparecem como finos caminhos ou até praticamente inexistentes.

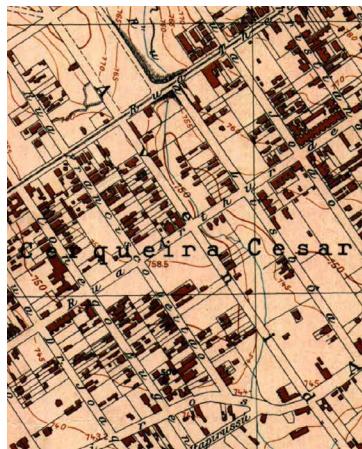


Fig. 7: Comparação do mesmo recorte do Mapa SARA Brasil e na fotografia aérea de 1940.

Uma característica das fotografias de 1940 chama atenção: os inúmeros caminhos além dos arruamentos. Esses caminhos às vezes conectam quadras, e às vezes se ligam a edificações no interior de quadras, parecendo em certos momentos criar *atalhos*, quase como evitando utilizar as ruas que já em 1930 aparecem identificadas. O bairro de Pinheiros dos levantamentos de 1940 constitui-se, portanto, como um território definido em conjunto por traçados de um loteamento e por traçados decorrentes do caminhar pelo mesmo lugar repetidas vezes. A rua do loteamento não é o único trajeto possível, o interior da quadra aparece aqui como um lugar igualmente perpassado por caminhos, encontros de rotas diferentes ligando os pontos do bairro.

A partir dessa compreensão, iniciamos um novo exercício de redesenho desses caminhos, colocando-os na mesma hierarquia gráfica que as ruas. Com o objetivo de cartografar as notícias, anúncios e atas das teias que foram criadas, nos pareceu interessante utilizar como caminhos possíveis aqueles retirados das fotografias de 1940.

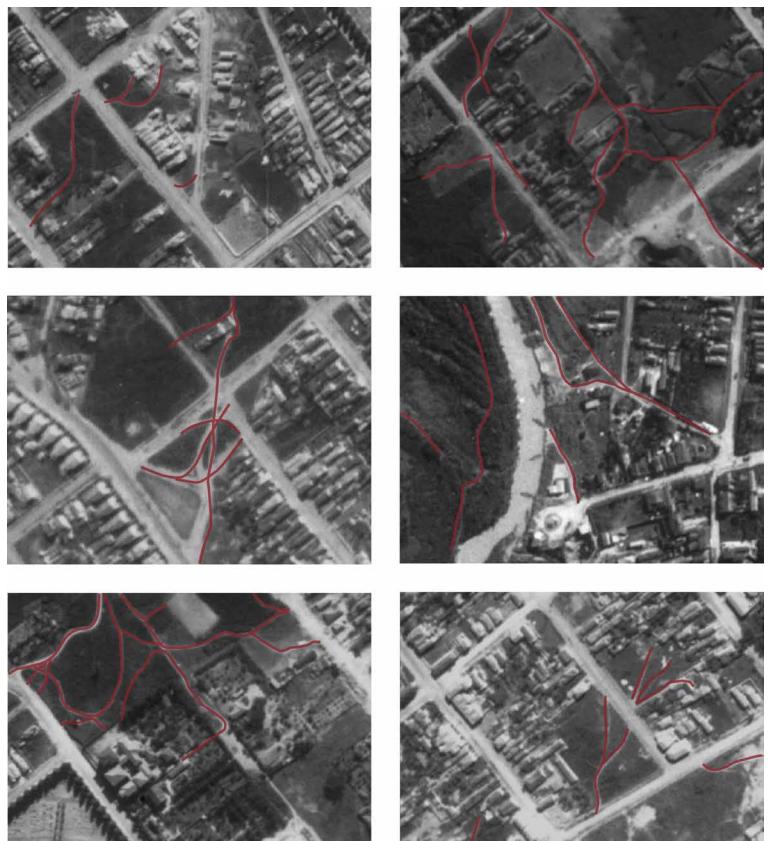


Fig. 8: Recortes do bairro de Pinheiros na fotografia aérea de 1940, em destaque alguns caminhos interiores à quadra.

A base para a cartografia criada para este trabalho é resultante da união de quatro elementos: a *topografia*, os *corpos d'água* e *edificações* retirados do Mapa SARA Brasil de 1930, e os *caminhos* presentes nas fotografias aéreas de 1940. Propomos, portanto, uma cartografia que não se coloca como um registro da situação do bairro em um preciso momento, e sim de um processo de mudança, de transformação em Pinheiros evidenciado pelas fontes ao longo das quatro décadas pesquisadas. Colocamos o nome de edificações com a grafia do Mapa SARA Brasil, com o objetivo de permitir um reconhecimento dos lugares no presente, dado que muitos marcos ainda estão preservados e fazem parte do bairro de Pinheiros, como o Cemitério do São Paulo e a Faculdade de Medicina.

Para a escolha dos caminhos realizados pelos personagens das fontes utilizamos, quando possível, a descrição do trajeto realizado, ou elaboramos uma possibilidade a partir dos caminhos colocados pela fotografia aérea de 1940. Utilizamos as fontes pesquisadas para cartografar o espaço de uma nova maneira, a partir do registros das transformações feitas e sofridas pelos atores no território. E, ao mesmo tempo, realizamos em paralelo o processo de construir caminhos e movimentos para esses mesmos atores.

Em relação às edificações destacadas nas cartografias, apesar de termos realizado a consulta dos livros de emplacamento que nos ajudam a conferir a numeração atual do endereço, é difícil posicionar com exatidão algumas construções a partir das edificações do Mapa SARA Brasil; por essa razão, em algumas cartografias novas edificações foram criadas ou escolhidas. É preciso deixar claro que a questão não é precisar o lugar verdadeiro onde viveu um certo personagem, ou o exato caminho realizado à época, e sim discussões que podemos operar a partir dessas fontes, as conexões entre os diferentes agentes, em diferentes escalas, que passaram e atuaram nas transformações no bairro de Pinheiros.

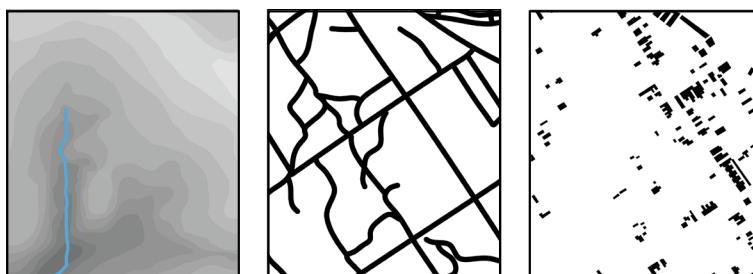
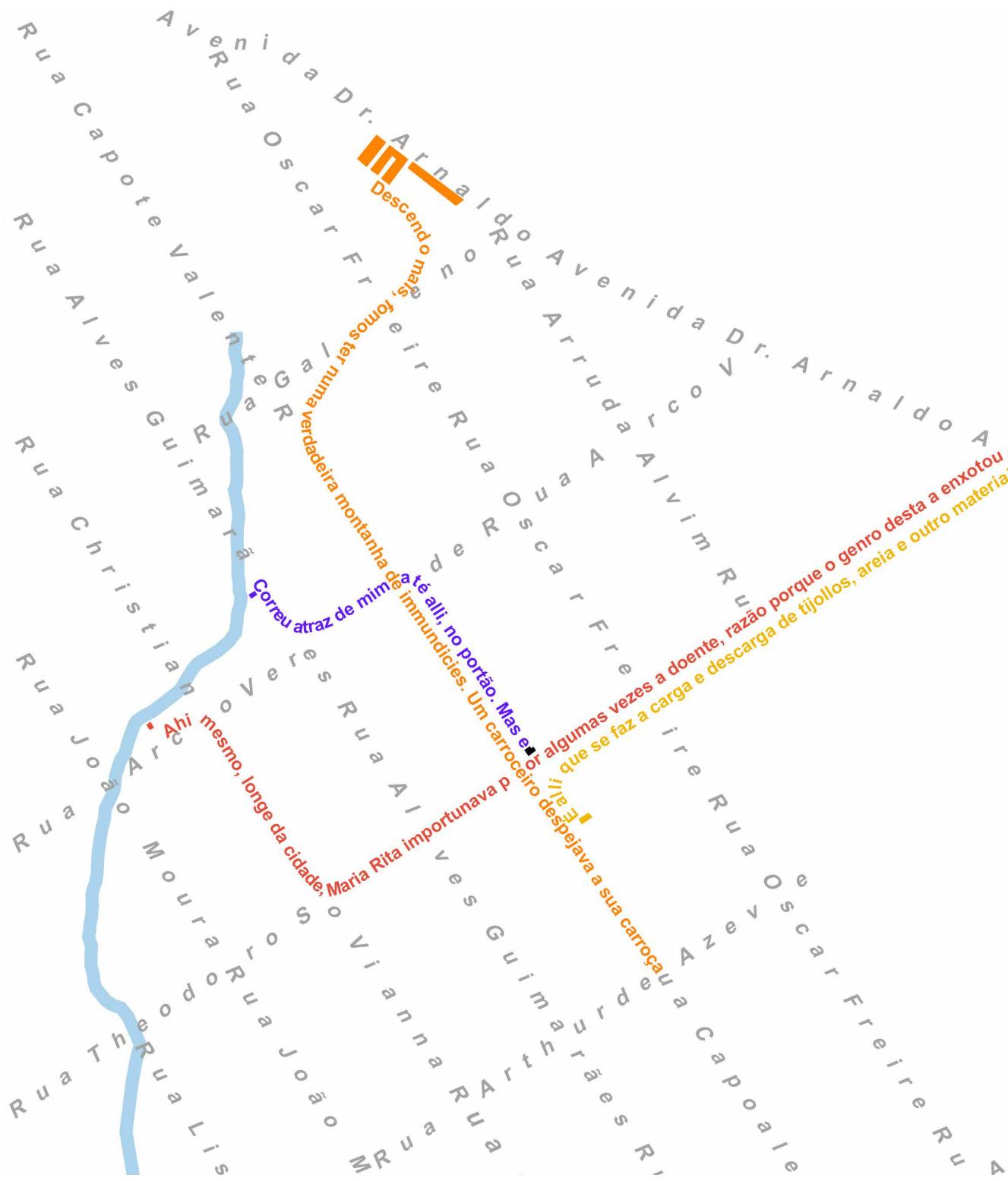


Fig. 9: A mesma área do bairro de pinheiros nos três elementos que compõem a base das cartografias: da esquerda para direita a *topografia* e *corpos d'água*, os *caminhos*, e as *edificações*.

Como resultado, temos quatro cartografias do bairro de Pinheiros, para cada uma das quatro teias elaboradas. Cada um deles é acompanhado na abertura do texto das teias por um mapa de palavras; utilizando o nomes de ruas do Mapa SARA Brasil, praticamente os mesmos de atualmente, reconstruímos os caminhos com as palavras que compõem as fontes. Este exercício gráfico corresponde ao mesmo recorte da cartografia realizada para a teia, podendo também ser utilizado como um mapa de apoio.

Para a construção do mapa de palavras, partimos novamente do Mapa SARA Brasil. Nele vemos como algumas ruas, apesar de estarem traçadas no mapa, aparecem sem nomes ou com a indicação “(n.o.)”, que corresponde a “ruas não officiaes” de acordo com a legenda; por essa razão, optamos por apenas escrever nos mapas de palavras os nomes das ruas nos trechos em que elas aparecem na base de 1930. Cria-se a partir dessa decisão um mapa com áreas vazias, com caminhos coloridos das fontes, que são traçados no desabitado em certos momentos — buscando questionar propositalmente a ideia de serem áreas que na realidade têm personagens circulando, áreas que não estão completamente vazias. Por fim, assim como a cartografia da teia, queremos trazer formas diferentes de representações de informações em mapas, de como podemos de maneiras diversas entender e representar o mesmo território.





Teia 1 : arco verde, capote valente, theodoro sampaio

lugares

-  depósito de lixo do aracá
- ◆ casebre de Manuel Alves
- ✓ casa da família Gattai
- ▷ casa do carroceiro Antonio Cagiano
- ▷ palhoça de Benedicto e Angelina
- ◆ posto de polícia

caminhos

-  carroceiro portuguez
-  a pé
-  de bonde
-  Bruno Gattai salta do automóvel
-  carroça n.1854 de Antonio Cagiano
-  Angelina corre ao posto de polícia



choque

----- bonde

 edificações

 caminhos

 corpos d'água

875m

topografia

750m

Os Anais da Câmara Municipal de São Paulo registram no dia 30 de Setembro de 1922 a discussão do “Parecer n.46, das Comissões reunidas de Obras e Finanças”¹. O debate é fruto de uma série de estudos realizados na época para o nivelamento da Rua Teodoro Sampaio.

“A Theodoro foi traçada e nivelada tendo como principal esco-
po estabelecer uma rapida ligação com aquella povoação, sem
nenhuma attenção com as futuras ruas transversaes, posterior-
mente abertas pelo proprietário de terrenos, com inobservância
de todos os preceitos da technica urbana. O resultado desse
erro, hoje de impossível correção, foi ficar o bairro quasi despo-
voado até o presente, pelas dificuldades naturaes impostas a sua
expansão.”²

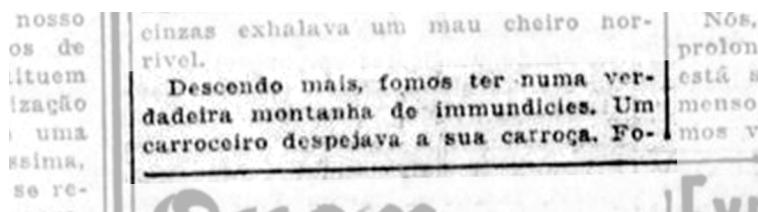
1. 32^a Sessão Ordinária,
30/09/1922.

Os desníveis entre as ruas transversais de Pinheiros são característica marcante do bairro até o presente, mas na época, como fica claro neste trecho da ata, eram entendidos como um impeditivo à sua ocupação. Alguns parágrafos à frente, no esclarecimento dado para justificar o nivelamento dessa importante rua, a mesma é descrita não apenas como uma conexão com o núcleo de Pinheiros, mas também como “mais uma ligação com a parte sudoeste da cidade, através de uma encosta já muito povoada e merecedora desse melhoramento”. O discurso utilizado para justificar a solução desse problema urbano, portanto, em certos momentos se contradiz, deixando em um primeiro momento turva a ideia do que era Pinheiros durante a primeira metade do século XX.

2. 32^a Sessão Ordinária,
30/09/1922.

O problema dos desníveis do bairro, e como se buscava solucionar essa questão, é apontado como resolvido de formas insalubres alguns anos à frente, em 1927, em reportagem do jornal *A Gazeta*³. A reportagem descreve a descoberta dos jornalistas que fizeram uma visita ao Depósito de lixo do Araçá, buscando compreender como a prefeitura estava lidando com um problema latente na cidade de São Paulo no período: o destino do lixo. Os jornalistas descrevem como o lixo era cremado no Depósito do Araçá, gerando na região um “mau cheiro horrível”. A reportagem segue sua descrição, com um encontro revelador para os jornalistas:

3. *A Gazeta*, Edição 6328,
09/03/1927.



... que esse homem...
vemos oportunidade de reportar a nova mercadoria, que porcos, recentemente, depositou da sua
immundice, subiu nas chamas
de elojarindo adoptado o procedimento, e maiores per-
ceja o do inúmeros exibições, numa visita po-
r a 11 fachadas.
mos, um mau-
si a nossa vis-
cresmados os
e reduzido a
a cheiro nor-
ter numa ver-
municies. Um
a catiga. Fo-

mos saber o que elle sabia sobre o lixo do Araçá
O homem era portuguez e sabia muita cousa.
— Isto aqui, disse o empregado, é tudo aproveitado.
— Mas aproveitado no que, homem?
Ele riu, esfregou a barba crescida e respondeu:
— Lá os homens sabem: a rua Capote Valente vai passar por aqui!
— A rua Capote Valente vai passar por cima deste lixo todo?
— Nem mais nem menos. Isto é um aterro de...
— E' um aterro formidavel de lixo!
— Justamente. E' um aterro de lixo!
O outro riu muito da nossa admiração.
Nós, porém, quando soubemos que o prolongamento da rua Capote Valente está sendo feito em cima de um imenso monte de imundices — tivemos vontade de chorar...

mento, com a que tudo o mais a situação final em suspenso, at balanço da desblica, mediante mos definitivos tentada pelos c men monetario, indiferentes à deante de um depende de var das pela necess multanea.
A palavra fi

O plar e o pag allemã

BERLIM, fev
go publicado no

O choque dos jornalistas deixa claro como o que viam era uma questão inadmissível, que o prolongamento da Rua Capote Valente (uma das transversais à Rua Teodoro Sampaio) pudesse ser feito a partir do lixo produzido na cidade. Vemos aqui descrito um personagem comum nas ruas de Pinheiros do período, o carroceiro, responsável pelo transporte de inúmeros produtos, e que constantemente aparecem nos jornais por estarem envolvidos em acidentes no bairro, e como residentes de Pinheiros, como noticiou o jornal *A Gazeta* em Março de 1929⁴:

4. *A Gazeta*, Edição 6937,
11/03/1929.

horticultura
lizará em 1
le anno (a
se realizar
o uma pro-
lo se sente
a cõr e do

SCHAWRZ

a esiana
o Bosco

o prova-
de ju-

Operario
attingido por um coice

O operario da Limpeza Pública, Abilio de Oliveira, de 37 annos, morador à rua Capote Valente, 135, hontem, no forno incinerador do Araçá, foi attingido por um coice quando procurava atrellar alguns animaes á carroça que dirige.
Em estado grave foi a victima, após receber curativos na Assistência, internada no Hospital do Braz.

PALLECI
NALISTA
LISBOA, 1
Porto, o jo
no Cartaxo,

BANQUEI
SILEIRI
LISBOA,
Porto um b
Consul bras
lo, promovid
com o fim
Insignias da
que recente
lo governo

Os carroceiros se envolviam em uma série de acidentes de trânsito, que ao longo da primeira metade do século XX se tornavam cada vez mais recorrentes nos jornais. Um desses acidentes foi publicado no *Diário da Noite*, no dia 9 de Agosto de 1927⁵. É descrito um choque na rua da Consolação entre o bonde da linha Pinheiros e uma carroça número 1854 guiada por Antonio Cagiano, morador da rua Capote Valente, número 32. Com o choque a carroça atinge o menor Bruno Gattai, de 12 anos de idade, brasileiro, filho de Guerreando Gattai, morador da Alameda Santos número 9. Bruno havia acabado de saltar de um automóvel e estava atravessando a rua no momento do choque, sofrendo algumas contusões e a fratura exposta da perna direita, chegando ao hospital em coma.

Não apenas moradores do bairro de Pinheiros, os carroceiros também conectam o bairro com diversas áreas da cidade. Seu choque com o bonde nos coloca a briga por espaço nessa cidade em que conviviam, na mesma rua, inovações tecnológicas e meios de transporte tradicionais. Os hábitos de olhar para a rua antes de atravessar, não deixar crianças desacompanhadas em ruas com um fluxo intenso, estabelecer uma distância entre os meios de transporte e os transeuntes, ainda eram regras que começavam a ser definidas (LANNA, 2022). A rua e a calçada ainda não estavam completamente separadas, conviviam nos mesmos caminhos carroças, carros, bondes e pessoas que ali circulavam.



Quando olhamos as áreas descritas como vazias nas bases cartográficas históricas que temos de São Paulo, é difícil não pensar nesses lugares como grandes áreas ainda desocupadas. Em compensação, em diversos momentos nos jornais da época podemos perceber como as áreas de baixadas das ruas — que aparecem sem edificações nos mapas — estavam ocupadas. Duas notícias nos ajudam a compreender como eram essas áreas de vale, e nos mostram outras possibilidades de compreensão desses territórios.

A reportagem do *Correio Paulistano* noticia, em 17 de abril de 1912, uma “*Scena cannibalesca*” que ocorreu na Villa Cerqueira Cesar⁶. O historiador Boris Fausto realizou pesquisas dentro do tema da criminalidade e como esta era reportada na imprensa da cidade durante a virada do século XIX e ao longo do século XX. As reportagens no período de modo geral são caracterizadas pelo tom sensacionalista — e em alguns momentos quase folhetinesco — dos crimes ocorridos na cidade, fato que também se aplica a muitas notícias do bairro de Pinheiros utilizadas nesta pesquisa e à reportagem que descreveremos a seguir (FAUSTO, 2019).

5. *Diário da Noite*, Edição 868, 09/08/1927.

6. *Correio Paulistano*, 17/04/1912.

Segundo o texto, Benedicta Alves residia em uma casa na Rua da Consolação, quando foi acometida por uma paralisia, exigindo cuidados de uma enfermeira, sendo contratada “a preta Maria Rita de Oliveira, natural de Ribeirão Preto”. Maria Rita realizou o trabalho por alguns meses, mas logo “entregando-se ao vicio da embriaguez, começou a praticar taes e taes desatinos, que um genro da enferma foi obrigado a expulsá-la de casa”. A partir desse momento, Maria Rita aparece por alguns dias na casa de Benedicta cobrando a remuneração pelos trabalhos realizados.

A notícia aponta que Benedicta queria quitar a dívida, mas por ser demasiado pobre não conseguia — enquanto seu genro Manuel Alves entendia que Maria Rita não merecia nenhuma remuneração. Depois de algum tempo Manuel convidou-a a residir junto a ele e sua filha Maria Joaquina Alves na Villa Cerqueira César — mas Maria Rita continuava, “Ahi mesmo, longe da cidade”, a importunar a doente.

No dia 16 de abril Maria Rita aparece na casa de Benedicta em um momento em que Maria Joaquina e seu marido estavam ausentes. Ambas tiveram uma discussão:

18:805\$000	nao querer que a acusasse.	para Buenos
resentando	Nesse momento, Maria Rita, temendo	Ao mesmo t
128.803 sac-	que o genro aparecesse, e como que to-	niz tinha rog
\$000 e em	mada de uma subita alucinação, armou-	Mais algun
lor de	se de um machado que se achava a um	preso tambem
m 1910, no	canto e investiu contra a enferma, des-	dois trampoli
saccas com	ferindo-lho quatro sucessivos golpes na	do posto poli
á que tam-	cabeça.	O inquerito
n 1911 im-	A sexagenaria, sem poder levantar-se,	ouvido Munis
.....	procurou todavia defender-se dos golpes,	Tent
penas 084	aparando-os com a mão direita, cujos de-	Por meio da c
io entanto	dos ficaram decepados. Mas foi vencida,	Santa Re
com o va-	e expirou sobre uma poça de sangue, com	tencia po
	o crânio esfacelado.	Cançado de
	Comettida a selvageria, Maria Rita	
	encostou o machado ao mesmo canto do	
	onde o retirára, e saiu, como se nada ti-	
	vesse sucedido.	

Pessoas da vizinhança, ao verem Maria Rita ensanguentada, chamaram um soldado que a levou para o posto policial mais próximo, onde ela confessou ter realizado o crime “porque a sua vítima não cumpriu com a palavra, dando-lhe o dinheiro que promettera [...]”.

O crime é noticiado algumas outras vezes no mesmo jornal, e em outros como o *Estado de São Paulo*. É possível perceber como a cada relato do crime, fatos importantes são descritos de uma forma diferente de como foi noticiado pelo *Correio Paulistano* no dia 17 de abril. No próprio *Correio Paulistano*, no dia seguinte, são modificadas algumas

informações: Maria Joaquina Alves descrita anteriormente como filha de Benedicta, é agora descrita como nora da assassinada, e Manuel Alves seu filho, “zelador do Velódromo”⁷. Nesta notícia Maria Joaquina é apontada como cúmplice do crime, pois de acordo com Manuel Alves sua mãe era maltratada pela esposa. Além disso, é adicionada a informação de que no inquérito haviam deposto as testemunhas “Angelo Costabile, Antonio de Oliveira, Francisco Muscula e Luiz Anligene”, não sendo descrito quem são essas pessoas e suas conexões com o crime.

No dia 18 de abril o crime foi noticiado no *Estado de São Paulo*; em nenhum momento o endereço do casebre é precisado, mas nessa notícia se indica que se tratava de “[...] um casebre situado na baixada da Rua Arco Verde [...]”⁸. Fica claro como existem pessoas circulando nas áreas de desniveis no bairro: as pessoas que testemunharam Maria Rita sair da casa ensanguentada; os homens possivelmente de origem italiana que serviram como testemunhas para o crime; além das personagens próximas de Benedicta, Manuel Alves, Maria Joaquina Alves e Maria Rita de Oliveira.

7. *Correio Paulistano*,
18/04/1912.

8. *O Estado de São Paulo*,
18/04/1912.

oooooooooooooooooooooooooooo?

Outra trágica notícia publicada no jornal *A Gazeta*, em 1927 conta de forma dramática o suicídio de Benedicto Claro de Nascimento⁹. Segundo o jornal, o pardo Benedicto de 58 anos vive com sua esposa Angelina Leite de Aquino na rua Capote Valente:

9. *A Gazeta*, 09/05/1927.

...os e
festar
te es-
rá as
im as
nadas.
re-nos
i sub-
gados
o é a
de de
é um
todos
ultura
os re-
cipaes
Juris-
gran-
araví-
tragedia, fomos visitar a família do
suicida. **Mora ell' n'uma palhoga si-
tuada na parte baixa da rua Capote
Valente. A casa tem dois quartos: a co-
sinha e o dormitorio. A cosinha não
tem dois metros quadrados: o quarto
não chega a tres. Dormem todos esti-
rados pelo chão de tijolo, numa sujeira
de chiqueiro.**
Quando chegámos, um magote de
pretas, cochichava a um canto com a
viúva, criatura cor de ocre, que chupa-
va vorazmente um píto fetido. O ca-
dáver estava estirado na esteira, co-
berto por um lençol encardido, tendo
a cabeça descoberta, onde batia um
raio de sol.
Sabendo o fim da nossa visita, a viú-
va fez um esforço
para se levantar
e nos dizer que
o marido
estava
muito
mal e
que
não
esperava
que
vivessem
muito
mais.
Porém
os esforços
não
conseguiram
que a
viúva
se
levantasse
e
que
o marido
não
morresse
na
noite
seguinte.
Ultimamente
a viúva
fez um
ultimo
esforço
e
conseguiu
que o
marido
se
levantasse
e
que
o
casal
se
marchasse
para
o
país
de
lles.
Para
o
casal
de
lles.
Co

A reportagem então descreve como seu marido “vivia de pinga”, e que no dia anterior depois de beber muito brigou com Angelina, e depois de tentar agredi-la, a mesma fugiu. Ao subir a ladeira escutou o marido que gritava que iria “[...] se enfocar agora mesmo! Assim, ao menos, eu desgraço vocês todos”. Angelina correu ao Posto de polícia e fez uma queixa, voltando para casa com um soldado. Ao chegarem na casa tiveram de arrombar a porta, e encontraram o corpo de Benedicto pendurado nas vigas do forro.

A notícia nos dá margem a perceber as sociabilidades que existem nessas áreas de baixadas do bairro. Observando o Mapa SARA Brasil vemos como a área de baixada da rua Capote Valente corresponde aproximadamente às quadras próximas à Rua Teodoro Sampaio e à Rua Arco Verde (atual Rua Cardeal Arcoverde), por onde passa um dos córregos que cortam o bairro de Pinheiros. O “magote de pretas” descrito pela reportagem nos indica que ali havia uma vizinhança, que conversava com Angelina depois do crime. Ela descreve como havia sido o conflito da noite anterior:

...
rio do va era para a cachaça.
secre-
das 14 — **E hontem?**
rias e — **Hontem foi peor. Bebeu como' um**
muito gambá e veiu brigar commigo. Todos
a pri- estão para dizer si digo eu não a ver-
talvez dade. “Garrou” a dizer nomes feios e
intiores a se queizar de mim: que eu não tra-
laiores balhava, que eu era uma vagabunda
laiores como os seus filhos; que elle estava
Todos doente e não podia arcar com as des-
tá, pe- pesas da casa: uma porção de menti-
tureza. ras...
— E dahí?

Angelina conta ao final da notícia que, se for necessário, a vizinhança pode atestar como ela não está mentindo. As descrições da notícia nos dão pistas sobre características dessa região do bairro; variações na topografia são características marcantes de Pinheiros, os moradores sobem a ladeira para chegar ao posto de polícia localizado nas áreas mais altas do bairro. É colocada aqui a presença de uma vizinhança, atenta aos movimentos que acontecem na região, de homens e mulheres negros e pardos que habitam essas áreas em condições vulneráveis de moradia — segundo a reportagem.



Teia 2: mourato coelho, fradique coutinho, cônego eugênio leite

lugares

- barracão da família
- terreno dos Padres Passionistas
- Convento dos Padres Passionistas
- terreno em Villa Magdalena
- venda de vacas e novilhas
- palacetes modelo
- sapateria de Domingos Varisano
- barbearia de Domingos e farmácia dos Irmãos Rossi

caminhos

- família vai tomar banho no rio
- acesso ao terreno pela rua Fradique Coutinho
- acesso ao terreno pela estrada da Lapa
- visita aos palacetes
 - a pé
 - de bonde

■ choque

— bonde

■ edificações

■ caminhos

■ corpos d'água

■ 810m

topografia

■ 740m

As áreas de baixada do bairro de Pinheiros em alguns pontos estão associadas a existências de nascentes e corpos d'água que seguem em direção ao Rio Pinheiros. Estes pequenos córregos, que se relacionam com a vida do bairro, ainda têm presença nas vizinhanças na primeira metade do século XX. Uma reportagem de 1929 do *Diário Nacional* apresenta algumas questões sobre a relação dos moradores do bairro e os córregos que ainda não haviam sido canalizados. A notícia se inicia com o título de “*Uma família de morpheticos na capital*”, e descreve em tom de denúncia a falta de agência do serviço sanitário:

aqui como
ios Aires.
nte essas
le que “O
específico.
to”, com
a frase, é
“Carras-
que parece
tradicional
aqui uma
l segundo
bagagem
exto novo,
porém re-
as gentes
sistema de
m curioso.

UMA FAMILIA DE MORPHETICOS NA CAPITAL
TENDO CONHECIMENTO DO FATO, O SERVIÇO SANITARIO NÃO TOMA PROVIDÊNCIA ALGUMA

Os moradores da Villa Magdalena, em Pinheiros, reclamam aos dirigentes do Serviço Sanitário para que seja internada no Hospital Santo Angelo, uma família composta de três pessoas, sendo elas mãe, mãe e filho. A família referida reside à rua Mato Coelho 181, utilizando-se sempre do rio Arco Verde, sítio naquele bairro, para banhar-se, deixando à margem do córrego algodões servidos. Ainda mais, junto à casa da família doente que fica nas imediações

E VI

SCEI
CAMPINA
"Diario Naci
nédito Silva
viuvi, reside
Alta, em F
tempo atraç
jornaleiro M
O padrasto
bons olhos e
Silva com s
contrariar, d
ginaveis, o s
Ante-honte
contraram-s
uma venda
gados como
pida troca

A notícia continua informando que próximo à casa da família doente — localizada nas imediações do cemitério — existem outras famílias com crianças que constantemente vão à margem do rio para brincar e acabam tocando nos algodões infectados com o “*mal de Hansen*”. O serviço sanitário declara aos reclamantes que o Leprozario Santo Angelo não comporta todos os doentes, e que por isso apenas aceita internações voluntárias — ao menos até que as instalações do interior do Estado estivessem prontas, quando a internação dos doentes se tornaria obrigatória¹.

Por fim, a reportagem termina informando:

na seria attendida se posse levada no
Instituto de Hygiene.
A Companhia City, por todos esses
motivos, queimou o barracão em que
se alojavam os morpheticos, para que
elles se retirassem dos seus terrenos
em Pinheiros.
É incompreensivel o descaso do
Serviço Sanitario que, num caso co-

zaga, deles que fez se
gista dr. J se fez acor
soldado Lt attendido :
de Piracic Ia inqu

1. A Hanseníase atingiu números pandêmicos por volta dos anos 1920 por todo o Brasil, desencadeando no período uma série de políticas nacionais e estaduais para sua erradicação. No estado de São Paulo, após a adoção do isolamento compulsório, são criadas uma série de instalações em cidades do interior paulista, responsáveis pelo afastamento dos doentes. Um desses núcleos urbanos foi o “Leprozario Santo Angelo” em Mogi das Cruzes (SANTOS; FARIA; MENEZES, 2008, p.169 e 175).

2. Livro de emplacamento 24,
p. 318 a 321.

A notícia nos dá margem para discutir uma série de questões sobre Pinheiros. Em um primeiro momento fica claro como os limites entre os hoje bairros Vila Madalena e Pinheiros não são muito bem definidos. A família reside à Rua Mourato Coelho 181, que corresponde atualmente ao número 1241², localizado na quadra entre as ruas Wisard e Aspiecuelta, descrita na notícia como “*Villa Magdalena, em Pinheiros*” — permitindo a compreensão de que naquele período Pinheiros seja um bairro que abrange a Vila Madalena. Esses limites entre onde se inicia um bairro e começa outro não aparecem definidos nas notícias, e parecer ser uma característica constituidora dessa forma de olhar o território. A questão que vemos aqui não é necessariamente se um bairro está realmente dentro ou não de outro, mas como em certos discursos esses limites podem ser operados de formas diferentes, como esses conceitos estão constantemente em transformação.

A virada do século XIX para XX é marcada por discursos higienistas em uma série de relatórios, planos, projetos, e legislações que, partindo da estrita correlação entre o meio ambiente e a saúde da população, estabeleciam normas e critérios sobre as atitudes necessárias para a erradicação das doenças urbanas. Em 1892, a formação da “*Comissão de exame e inspeção das habitações operárias e cortiços no distrito de Sta. Ifigênia*” já autorizava, em situações emergenciais ao serviço público, adentrar o espaço privado das habitações podendo até mesmo demolir, retocar e reformá-las sem a obrigação de indenizar o proprietário (BRESCIANI, 2010, p.20, 21).

Em compensação, fica claro pela reportagem — mais de trinta anos depois dos estudos da Santa Ifigênia — como mesmo com o estabelecimento de um Serviço Sanitário de inspetoria das casas, e da intensa vigilância para manter controle sobre as doenças na cidade — os hábitos não se modificaram na mesma velocidade. O banho no rio acontecia na cidade em pequenos córregos como o Rio Arco Verde — e batia de frente com os parâmetros de higiene que tentavam ser impostos à população.

O setor público, através das inspeções do Serviço Sanitário, desde a virada do século atuava em algumas situação no despejo de populações em situações precárias de moradia. Neste caso, a reportagem não chega a descrever a casa em que vivia a família na rua Mourato Coelho, mas revela que a Companhia City queimou o “*barracão*”, dado que o serviço público não foi capaz de oferecer uma resposta ao pedido da vizinhança que retirasse a família do bairro. Vemos uma empresa praticando serviços que de acordo com a reclamação da reportagem não são realizados pelas inspetorias, revelam-se algumas disputas entre diferentes moradores do bairro, e as interferências que os

poderes públicos e privados exerciam de controle desse território e das pessoas que ali se instalavam.

Alguns anos antes da notícia de reclamações dos banhos feitos pela família no Rio Arco Verde, a área onde atualmente se localiza o Cemitério São Paulo, na Rua Cardeal Arcos, se tornou central em uma série de discussões na Câmara Municipal da cidade. No dia 13 de Março de 1920 se inicia a discussão das comissões de Justiça, Obras, Higiene e Finanças da cidade, a partir do pedido do prefeito à época, Firmiano de Moraes Pinto:

“[...] o sr. prefeito trouxe ao conhecimento da camara a necessidade de se fazer, em S. Paulo, mais um cemiterio, pois que, sem contar com o do Santíssimo, o do carmo e o dos protestantes, são de uso privativo, e os da freguesia do O', Braz, Lapa, e Villa Mariana, que servem a bairros importantes, - o da Consolação e o do Araçá estão com as suas lotações quasi completas, de modo a não poderem, em futuro bem próximo, comportar os enteramentos de cadáveres provenientes da parte mais populosa da cidade. [...]”³

3. 9^a Sessão Ordinária em 13/03/1920.

O próprio prefeito indica um local para o novo cemitério, uma área anexa ao Convento dos Frades Passionistas, conjunto de edifícios onde hoje é a Paróquia São Paulo da Cruz, ou Igreja do Calvário, na Rua Cardeal Arcos. É argumentado como o terreno oferece acesso fácil pelas ruas Teodoro Sampaio e Cônego Eugênio Leite, apenas exigindo o calçamento de paralelepípedos de um quarteirão.

O projeto não foi aprovado logo na primeira discussão, e uma série de disputas parecem envolver a decisão de onde seria instalado o novo cemitério. No mesmo dia, a “Sociedade de Instrução e Beneficiência dos Padres Passionistas” faz um requerimento na câmara protestando contra a construção do cemitério ao lado de sua sede, mas não são expostos argumentos do porquê deste pedido. Após a exposição do projeto pelo prefeito, o vereador Raphael A. Gurgel pede o adiamento da discussão, expondo que existe outra opção de terreno oferecido à prefeitura para a construção do cemitério, por preços mais baixos.

A discussão foi adiada, e retomada no dia 20 de março do mesmo ano. Nesta data vemos a proposta de um novo terreno exposta:

“[...] a proposta que faz a d. Maria Angelica Cruz da Rosa, para a venda á Municipalidade de um terreno de sua propriedade, entre os bairros da Villa Cerqueira César e Jardim América, para nesse ser construído o novo cemiterio. - Junte-se aos papéis para a sessão.”⁴

4. 10^a Sessão Ordinária em 20/03/1920.

Esta opção não é discutida em nenhum momento, e a Câmara dá atenção neste dia principalmente à proposta apresentada por Raphael A. Gurgel, de um terreno oferecido segundo ele pelo Barão Francisco Egydio do Amaral:

“O terreno offerecido pelo sr. Francisco Egydio do Amaral mede 104.991 metros quadrados [...]. A [planta] apresentada por aquele senhor [...], dá o terreno como sendo em villa a que seu o nome de Magdalena, terreno cortado de ruas, como se fosse uma área já desbravada.

Nada disso, porém, existe, e nem essa villa de ruas foi jamais aprovada. É terreno completamente inculto e sem outra benfeitoria que insignificantes caminhos.

Para elle ha dois accessos: um pela estrada da Lapa, passando pela frente do cemiterio do Araçá, e outro, que é o melhor, segue pela continuação da rua Fradique Coutinho, tributario da rua Theodoro Sampaio, que não é mais curto, mas que exige obras menos dispendiosas, de preparo. Por essa via, a distancia que o terreno medeia da rua Dr. Theodoro Sampaio, é de cerca de 1.400 metros, e não de 500, como diz o proponente.[...]

A discussão segue comparando os dois terrenos, com observações sobre as despesas necessárias para preparar as estradas de acesso ao cemitério, e a prefeitura segue argumentando como mais barata e conveniente a proposta vizinha ao Convento dos Padres, dado que ali existem poucas construções, e de acesso mais fácil.

O vereador Anhaia Mello se insere na discussão, argumentando que após uma visita a ambos os terrenos, conclui como melhor opção o terreno do Barão Francisco Egydio do Amaral, apontando erros nos cálculos dos custos despendidos para as obras de acesso aos terrenos:

“[...] Si podemos, pois, com vantagem para o municipio, de quasi 90 contos, localizar o novo cemiterio em ponto que esteja de accordo com as disposições de hygienistas e urbanistas, porque não fazel-o? Porque localizal-o a 16 metros de uma escola e de uma egreja além de outras edificações, portanto em logar incommodo, quando podemos localizal-o, com vantagem, longe de habitações actuaes, em logar commodo e com uma economia de 90 contos? [...]”

No dia 24 de março a discussão é retomada, e Anhaia Mello sugere ainda que poderia ser avaliada a possibilidade de compra de terrenos ao norte do Cemitério do Araçá — área atualmente no bairro

do Pacaembu — que segundo ele não deveriam ter altos preços e já “[...] não se prestarem, naturalmente, para outro fim, devido á circunstancia do actual cemiterio estar a cavalleiro delles [...]”⁵. Mesmo com o voto contrário de Anhaia Mello, o cemitério é aprovado ao lado do Convento dos Passionistas.

5. 3^a Sessão Ordinária em 24/03/1920.

A discussão nos mostra a disputa pelo espaço, com diferentes intenções operando, nem todas esclarecidas pelo que lemos das atas. Nota-se uma série de interesses nas terras de Pinheiros e nas suas adjacências, com figuras em posições de poder tomando decisões que ajudaram a promover a ocupação das áreas do bairro. A pavimentação de ruas necessária para a instalação de um novo cemitério, ao mesmo tempo que supria as demandas da cidade de São Paulo que crescia, também ajudava a promover a chegada de melhoramentos urbanos importantes que Pinheiros necessitava.

Também vemos como, em certos momentos, o discurso higienista não prevalecia. Anhaia Mello insiste nas atas que é necessário afastar o novo cemitério de áreas urbanas, que aparecem já ocupadas pela população, e que Pinheiros seria uma dessas situações; mesmo assim, o cemitério São Paulo é construído vizinho ao Convento dos Frades Passionistas. Áreas como o atual bairro do Pacaembu, segundo ele, por estarem vizinhas ao cemitério, não são mais utilizáveis, e por isso mesmo não deveria ser escolhido o terreno ao lado do convento, que tornaria aquela região do bairro também inabitável.

Com o passar do tempo, fica claro como na realidade a construção do cemitério no bairro de certa forma cumpre um papel de impulsionar sua ocupação, como vemos no anúncio a seguir:

TERRENOS EM PINHEIROS

Lotes na rua Theodoro Sampaio, Coronel Francisco Leitão e Henrique Schaumann, já quasi inteiramente construidos, com optima vizinhança e todos os confortos.

Lotes de 1.000 m.2 na rua Conego Eugenio Leite, proprios para os Commerciantes em Corôas, Casas de flores, Marmorarias, etc.

VENDAS A PRAZO LONGO E A' VISTA

Possuimos tambem terrenos em Villa Mariana

Plantas e detalhes:

V. A. HARRIS & CIA.

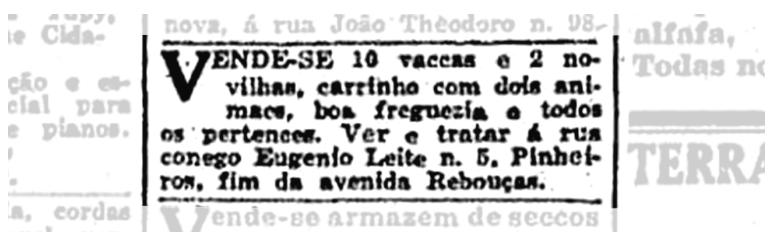
SEÇÃO TERRENOS

Rua 15 de Novembro, 21, sob. — Caixa, 394 — São Paulo

O anúncio de 1933 nos dá uma pista do processo de valorização que as terras da região de Pinheiros e de bairros próximos como a “Villa Mariana” passavam pelo período. Os lotes são anunciados como localizados em ruas de alta circulação, como a Teodoro Sampaio, e na rua Cônego Eugênio Leite são evidenciados os usos para os comerciantes em coroas e casas de flores, muito provavelmente conectado à existência do cemitério. A necrópole promoveu a abertura de comércios na região e influenciou melhoramentos urbanos em um bairro que já estava parcialmente ocupado.

6. *O Estado de São Paulo*,
19/04/1919.

Em 1919 o jornal *O Estado de São Paulo* publica um anúncio de venda em Pinheiros⁶:



7. Livro de emplacamento 11, p. 63 e 64; e Livro 24, p. 301 a 304.

O anúncio é curto, mas nos dá margem para compreender um pouco melhor sobre como era o bairro durante a primeira metade do século XX. O endereço descrito, Rua Cônego Eugênio Leite, número 5, corresponde atualmente ao números 509, localizado na quadra entre a Rua dos Pinheiros e a Rua Arthur de Azevedo, muito próximo à Av. Rebouças, como é descrito na notícia⁷. O fato de estarem sendo vendidas as vacas, novilhas e todos os equipamentos, nos indica que possivelmente ali se localizava um leiteiro, que fornecia em 1919 o produto para a região. Também nos possibilita pensar como eram essas áreas próximas à avenida Rebouças, com animais que possivelmente pastavam nos miolos das quadras próximas ao endereço.

Observando os Impostos de Indústrias e Profissões dos anos 1927 e 1928, vemos como a Rua Cônego Eugênio Leite tinha, quase dez anos depois do anúncio de venda dos animais, um intenso e diversificado comércio. Vemos farmácias, barbearias, cabeleireiros e sapateiros; na área de alimentação vemos diversos vendedores de “fructas e verduras”, açouques, “leite, doces e biscoitos”, sorvetes, locais de moagem de café, além de comércios de “generos alimentícios, botequim e cigarros”. A rua também tinha marceneiros, carpinteiros, uma série de carvoarias próximas à Av. Rebouças; por fim também vemos lojas de materiais de construção, e funilaria para encanamentos.

Os donos parecem ser de diversas origens: a “pharmacia” dos Irmãos Rossi, Antonieta Campos dona de uma carvoaria no número 5 e outra no 71 da rua, a loja de materiais de construção de A. Rickelman e Cia, a sorveteria de Abes Calil, Maria Florenia Gardiello, vendendo “fructas e legumes”, e a marcenaria dos Irmãos Windell e Cia, entre outros.

É difícil precisar se os endereços indicados na lista de Impostos de Indústrias e Profissões necessariamente indicavam o local do comércio. Um exemplo dessa situação é o caso de Egydio Cantesano, indicado na lista como proprietário de um comércio de “carvão, lenha”, com endereço da Rua Cônego Eugênio Leite, número 173. Este endereço corresponde ao mesmo do anúncio que apresentaremos a seguir; vemos que o endereço dado se trata de uma casa disponível para aluguel, residências que na descrição a seguir não parecem ser construídas para abrigar pontos comerciais — mas que poderiam se tratar de um posto de revenda ou de negociação de produtos em conjunto com a residência do proprietário do negócio.

O longo anúncio de “Palacetes modelo”, do jornal *O Estado de São Paulo*, revela com detalhes as características das casas⁸. Os prédios são recém acabados, sendo exaltado o fato de serem uma construção dos “conhecidos engenheiros Bernardes e Cia.”; se inicia uma descrição dos cômodos do palacete:

8. *O Estado de São Paulo*, 07/08/1919.

u seda →
de arame)
do tom o
OSA
zem
para qualquer
, é travessa
90. Tem 2
lados. Chavea

Eugenio Leite ns. 161 a
179. Construcção dos co-
nhecidos engenheiros Ber-
nardes & Cia., dispõem de
entrada, “hall”, sala de
visitas, sala de jantar,
tres bons dormitorios,
sendo dois communican-
tes; copa, cozinhe, banhei-
ro com todos os appare-
lhos, inclusivé lavatorio e
“bidet”; salão de bilhar
com porta veneziana
(prestando-se tambem pa-
ra magnifico dormitorio),
adéga, garage e grande
quintal. Acabamento per-
feito, pinturas finas; appa-
rato de aquecimento de

Peres, 1 e 3
Municipal, a
av. Carlos d
formações pe
Facilita-se
Pa
Vende-se
area arbori-
alta.
Trata-se A
de Paula, 73

PAL

Vende-se t
a uma qua
Carlos de C
7 dormitori
hall, 4 salas
cozinha; 2
quarto e ha

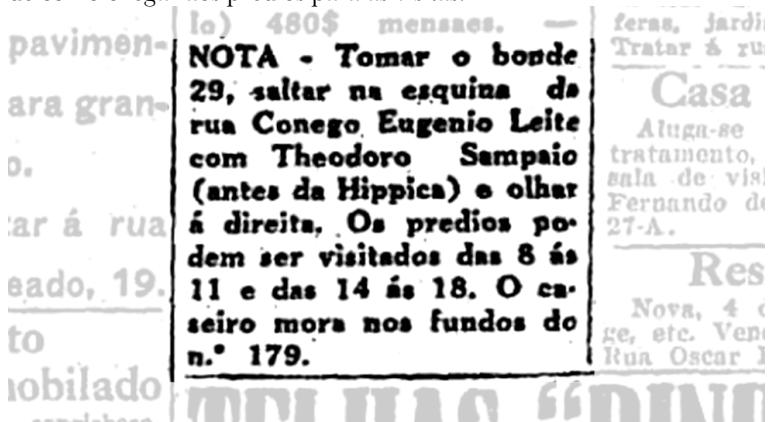
As casas incluem aparelhos sanitários, iluminação de primeira ordem, fogão e aquecedor a gás, ponto para ferro elétrico, campainhas, “bellos ladrilhos, rua calçada, logar alegre e saudável, explendido panorama, bonde quasi a porta”. São por fim dadas instruções precisas de como chegar aos prédios para as visitas:

lo) 480\$ mensaes. —

NOTA - Tomar o bonde 29, saltar na esquina da rua Conego Eugenio Leite com Theodoro Sampaio (antes da Hippica) e olhar á direita. Os predios podem ser visitados das 8 ás 11 e das 14 ás 18. O açougueiro mora nos fundos do n.º 179.

feras, jardi
Tratar á ru
Casa
Aluga-se
tratamento,
sala de vis
Fernando d
27-A.

Res
Nova, 4
ge, etc. Ven
Itua Oscar I



Os números 161 a 179 da rua correspondem atualmente aos números 1045 a 1087, quadra que ainda preserva atualmente algumas das casas com essa numeração — o que nos indica, observando o Mapa SARA Brasil, que apesar de não ser mencionado no anúncio, os palacetes são conjuntos de casas geminadas em série. Essas residências são equipadas com uma série de inovações tecnológicas para o período, refinamento na construção, localização privilegiada no bairro próxima ao bonde, características que podem indicar que se trata de uma habitação de aluguel para setores médios. A comparação entre as notícias da rua, mesmo com anos de diferença, nos mostra o quanto heterogênea era a ocupação de Pinheiros. Palacetes modernos e inovadores, próximos ao bonde, podiam conviver na mesma rua com vacas e novilhas à venda. Se revela uma cidade de inúmeras mudanças, mas que também mantém certas características.



Outras notícias nos revelam um pouco mais sobre as sociabilidades existentes nas casas da Rua Cônego Eugênio Leite. O *Diário Nacional* publica uma pequena notícia contando um conflito ocorrido da rua envolvendo o açougueiro Aldo Generoso, morador do Cambuci, que no dia 25 de Janeiro foi cobrar uma dívida de Domingos Vauzano, morador da rua Conego Eugenio Leite⁹. A situação é contada de uma maneira teatral, dividindo em três cenas o ocorrido, iniciando pela descrição do cenário do local:

9. *Diário Nacional*, Edição 480, 25/01/1929.

AS

nas

ierme
rcian-
orlta
; No-
icções
drade

es em
io sr.
com-
o Ba-
nho, o
com

Uma verdadeira tragé-drama!
Tres protagonistas sómente: — Um açougueiro, credor da importância de 2\$400; um barbeiro, que fazia o papel de devedor e um enteado deste, que nada tinha com a história, e della se tornou a principal figura.

Scenário montado à rua Conego Eugenio Leite, no bairro de Pinheiros, tendo ao fundo uma barbaria, e ao alto um céu claro e um sol, que dardava os seus raios.

— Não
Não seja
Aldo P
enorme f
lhe com
nuou tra
guez.

Nesse
ta, sahia
ro Bapti
Domingo
Vendo
tude am
residenc

Se descreve como Aldo Generoso foi até o bairro e bateu na porta de Domingos para cobrar sua dívida; Domingos responde que não devia nada, e rapidamente fecha a porta da casa quando Aldo aponta a ele uma faca.

la tinha
tornou

nuou tranquillio a sua vida e aco
guez.

— SCENA III —

Nesse momento, por outra porta, sahia da habitação, o barbeiro Baptista Martini, enteado de Domingos Vauzano.

Vendo aquelle homem em attitude ameaçadora, em frente à sua residência, com à faca na mão, saccou de uma pistola "Mauser" e desfechou contra elle toda a carga que trazia.

Martini é bom barbeiro, mas pessimo atirador. Só uma das balas attingiu o alvo.

— EPILOGO —

Praticado o crime, Baptista

rencias"
ao trato
me a d
relevo a
tar as s
mais sol
Plinio, n
que me
são. Mas
cer que,
rece con
artigo.
anterior
chos ci
sabendo
tos chil
foi que,

ndo deu
ougueiro
e à rua
no Cam-
nia alte-
com os

Baptista Martini foge rapidamente depois dessa cena, e Aldo é internado na Santa Casa. A notícia finaliza descrevendo que várias testemunhas depuseram para o caso, e providências foram tomadas para a captura do criminoso Baptista Martini.

10. *Correio Paulistano*, Edição 23276, 24/07/1928. No imposto vemos a grafia do nome de Domingos como “Varisano”, diferente da notícia que coloca como “Vauzano”, mas supomos ser a mesma pessoa.

A lista de Impostos de Indústrias e Profissões de 1928 aponta como na Rua Cônego Eugênio Leite número 148, existe o comércio de “Domingos Varisano, barbeiro, cigarros”, e no número 143, “Domingos Varisano, sapateiro, concertos”¹⁰. A mesma lista aponta a existência de uma “pharmácia” dos Irmãos Rossi no número 148-A da rua, o que indica que no mesmo imóvel operavam comércios de donos diferentes. Quando Aldo bate à porta de Domingos, parece estar no endereço da barbearia, dado que Domingos rapidamente fecha a porta e “continuou tranquillo a barbear o freguez”. A mesma notícia aponta o local como sua residência, o que nos revela um imóvel no qual residência e comércio ocorrem simultaneamente.

Seu enteado, Baptista Martini, sai no momento em que encontra com Aldo por outra porta, possivelmente a entrada para a habitação onde moram Domingos, sua esposa e o enteado. O conflito ocorre na rua, mas a área do interior da quadra aparece ainda pouco definida, com uma sobreposição de usos, diversas portas no mesmo endereço que conectam o local onde se mora e o local onde se trabalha. Vemos, portanto, as fronteiras entre a casa e a rua, dentro e fora de uma casa, frente e fundos, se confundem e perdem seus limites.

voltava triunphante, reconduzida por um agente de polícia, e a arreira de grande capote.

Hontem
1

Paralelepípedos, esse jogo, estão convidados todos
fazendo-se um grande encontro.



Teia 3: joão moura, alves guimarães

lugares

-  cabaret pauliceia parque
-  posto de polícia
-  campos de futebol
-  sede social do Jardim America F.C.
-  Vila Cândida
-  Seccos e Molhados de Primo Margatigaglia
-  botequim de João Zanetti

caminhos

-  conexão entre a Rua Theodoro Sampaio e Av. Atlantica

 Ricardina Ferreira vai ao posto de polícia

 time reunido vai ao campo para o jogo

 Maria José vai a venda

 choque

 bonde

 edificações

 caminhos

 corpos d'água

 790m

 topografia

 740m

A sessão ordinária ocorrida no dia 20 de fevereiro de 1937 na Câmara Municipal de São Paulo revelou um pedido do bairro de Pinheiros: que a prefeitura procedesse com o calçamento da Rua João Moura¹. Um dos motivos apontados para o pedido é o fato da mesma ser uma ligação entre a Rua Teodoro Sampaio e a Rua Atlântica — no período denominada Avenida Atlântica — atravessando também a Avenida Rebouças. É argumentado como a Rua João Moura tem uma intensa circulação de veículos, e que parte já está calçada com paralelepípedos, mas que o melhoramento se faz necessário em toda a rua.

1. 22^a Sessão Ordinária em 20/02/1937.

O pedido nos traz o questionamento de quem circulava intensamente na rua durante a primeira metade do século XX. Em um primeiro momento podemos pensar como a rua serve como uma conexão, uma passagem apenas entre os bairros vizinhos de Pinheiros, Jardim Paulista e Jardim América; mas a análise de outras fontes nos revela como a rua foi frequentada para atividades de entretenimento do bairro — lícito e ilícito — como o futebol, bailes, bares e cabarés.

O número 100 da rua João Moura é apresentado em diversas reportagens como um desses espaços no bairro — algumas vezes apresentado em tom de denúncia, como um local ilícito da região. A notícia do jornal *O Combate*, de 1923², inicia sua narrativa descrevendo a casa de prostituição comandada por Ricardina Ferreira:

2. *O Combate*, Edição 2527, 08/11/1923

A' rua João Moura n. 100, na Villa Cerqueira Cesar, installara, ha tempos, a decahida Ricardina Ferreira de Moura, o seu "atelier", acolhendo, logo em seguida, diversas mulheres do seu gênero.

Não ha, ainda, muito tempo, e Ricardina foi procurada, em sua propria residencia, pela policia, por causa de sério delicto que motivára.

as a
coce
i pe-
tre-
o fi-
fosse
re o
'iza.
es e
cima
pes
as e
nen-

Sendo, porém, previdente, fugira e não mais fôra incommodada pela polícia.

Certa disso, voltará a “dirigir” sua casa, promovendo frequentes escândalos, insultando, com palavras ao alcance de sua “moral”, as pessoas do bairro, chegando mesmo a injuriar senhoras e senhoritas com palavras menos nobres, procurando nivelar-as consigo própria e com suas compaheiras de “métier”.

Agora, mais uma da Ricardina,

de ag
naveis
conhe
viço.
E' po
do a i
é com
essa e
mulhe
bitrar
Hor
utilaç
cebera
na am

A chegada e instalação do estabelecimento de Ricardina na Villa Cerqueira Cesar não é vista com bons olhos pela reportagem, já claro no título da notícia: “*Na Villa Cerqueira Cesar — Um antro de prostituição — Mais uma pagina vermelha de romance*”. Ricardina parece incorporar a marcante figura da “mulher pública” da primeira metade do século XX, oposição do outro ideal feminino, a “mulher do lar”, pura e intocada — talvez aqui representada pelas “senhoras e senhoritas” da notícia (RAGO, 2008).

A notícia narra um conflito existente entre Ricardina e o “sr. Horacio de Oliveira Leite, official de justiça”; Ricardina, ao chegar em seu luponar³ e ver ali Horacio na companhia de amigos, se dirige à Central de polícia denunciando “*haver crimes e desordens em sua casa*”, voltando escoltada por quatro soldados:

3. Lupanar: (substantivo masculino) Casa de meretrizes ou prostitutas; bordel, prostíbulo. Dicionário Michaelis.

Chegando, pois, ao n. 100 da rua João Mcura, mesmo a despeito de encontrarem a casa na mais perfeita ordem e calma, os esbirros da polícia a invadiram brutalmente, e, de revolver em punho, effectuaram 5 prisões, entre as quais a do oficial de justiça Hracio, a de um sargento de polícia, que dormia, e as de tres outros individuos.

A scena selvagem e de crime que os esbirros da policia encontraram na residencia de Ricardina, foi, pois, esta: o sargento Raposo, do 5.o batalhão, dormia; um soldado do corpo de bombeiros cochilava, recostado a uma mesa; Horacio e outros dois individuos, palestravam amistosamente, tomando cerveja. E, apesar disso, foram todos brutalmente presos e conduzidos á Central.

Ahi chegados, ás 2 1/2 horas

O conflito continua a ser descrito; os homens foram presos, e mesmo pedindo pelo delegado, não foram atendidos, passando a noite na prisão. Ao serem liberados no dia seguinte são alertados pelo carcereiro de que “*se fossem queixar a quem quisessem, inclusive aos presidentes do Estado e da República, pois que ‘o que fizéra estava bem feito’ [...]*”. A reportagem finaliza com a indignação do jornalista com o poder de Ricardina, capaz de prender os homens que, “[estavam] em casa desta [Ricardina] — direito que lhes assistia, em se tratando de lupanar”.

Vemos a oscilação de discursos na notícia: em certo momento a presença de Ricardina e seu lupanar são rechaçados — mas concomitantemente os homens influentes parecem ter o *direito* de frequentar o espaço. Ricardina, se mostra como uma figura influente no círculo do

bairro sendo a dona de uma casa de prostituição, controladora do seu espaço e também da central da polícia, exercendo seu poder inclusive sobre a figura de um sargento respeitado. Se enquadra de certa forma no perfil de femme fatale descrito por Margareth Rago: uma mulher com poder parar “destruir os elos racionais da civilidade, nocivamente inquietando a pacata vida cotidiana da cidade” (RAGO, 2008).

Outras notícias envolvendo o número 100 da rua João Moura explicitam a centralidade que esse local teve no cotidiano de Pinheiros. Em 1925, apenas dois anos depois da notícia anterior, novamente no jornal *O Combate* é anunciado o fechamento do “Cabaret Paulicéa Parque”, localizado no mesmo endereço do estabelecimento de Ricardina⁴. A notícia conta como o delegado de polícia de costumes, dr. Mario Bastos Cruz tem enfrentado uma campanha contra “taes sociedades dansantes, jogos de azar, etc., [ele] está combatendo tambem os celebres cabarets [...]”. A casa é conhecida popularmente como o “Cabaret dos Pobres”, e além de ter sido fechada, teve preso seu gerente Lucio Catrani — Ricardina não é citada nesta reportagem.

Quatro dias depois da notícia anterior, uma nova reportagem é lançada, esclarecendo⁵:

que o
ido sé-
itos es-
proba-
n de se
serem
togiro”,
e man-
ossivel,
r, e as- gente suspeita.
Procurou-nos hontem o sr. Lu-
cio Cotrone, proprietario desse
estabelecimento, que nos decla-
rou ter pago o imposto relativo
ao 1.o semestre de 1925, e que o
Parque continua a funcionar,
tendo sido suspensos “apenas” os
bailes publicos.

Informa
do sr. Ke
sia, coinc
já enunci
rio, sr. C

Gr

Combate ás doenças o PRESI

Apesar da diferente grafia do sobrenome, podemos supor que se trata de uma retratação pedida pelo gerente, para evitar que seu estabelecimento seja prejudicado pela notícia do jornal. Aqui vemos o uso de um tom diferente daquele adotado para Ricardina vista como uma figura indesejável, lasciva, que não deveria estar no bairro. Lucio Catrani é colocado como um proprietário responsável, que paga as contas em dia, e parece ter seu negócio prejudicado pela divulgação de uma informação incorreta. Por fim, a notícia parece definir um público específico frequentador do espaço, “os pobres” — possivelmente no mesmo local coordenado por Ricardina apenas dois anos antes.

O Cabaret Paulicéa Parque sobrepõe na mesma casa — o número 100 da Rua João Moura — diversos usos, classes sociais, gêneros, que dependem do espaço e o promovem, moradores ou não de Pinheiros. O mesmo lugar que é acusado de ser uma casa de prostituição, parece também receber os bailes comuns no período, atividade de lazer lícita. O espaço é frequentado por importantes nomes da justiça da cidade, e alguns anos depois já é conhecido popularmente como “Cabaret dos pobres”. Todos esses personagens, o proprietário Lucio Cotrone, Ricardina de Moura que chegou a comandar a casa, os seus frequentadores, a polícia, todos estão constantemente disputando sua permanência no bairro.

Margareth Rago descreve um pouco sobre as micro-instituições para o sustento da prostituição, que se diversificavam por diversas áreas da cidade de São Paulo na primeira metade do século XX. Estes estabelecimentos se constituíram como um mercado relativamente autônomo e paralelo da prostituição, e conjugavam no mesmo local diversas atividades. Eram muitas vezes misturas de usos diversos: bar, restaurante, casa de show, bordel, em casas próprias os alugadas, com ou sem o vínculo de controle de cafetinas (RAGO, 2008).



O futebol se tornou, na virada do século XIX para o XX, uma importante opção de lazer para diversas camadas da população paulistana. O esporte era entendido em momentos como uma prática das elites em clubes, de forma organizada, elegante e com uma série de regras bem definidas; ao mesmo tempo, dissemina-se amplamente pelas várias áreas da cidade no período, dando origem a um futebol amador, popular — visto em alguns momentos como um promotor da desordem (MASCARENHAS, 2002).

Ao longo dos anos 1920 e 1930, o futebol ganha protagonismo nos jornais, onde se mostra explícita a diferença entre suas práticas popular e de elite, ambas recebendo críticas e espaços na mídia desiguais (SILVA, 2013). Em 1928 o jornal *A Gazeta* inicia a publicação de um suplemento semanal, *A Gazeta Esportiva*, dando maior espaço ao futebol praticado nas áreas de várzeas e subúrbios da cidade, como é o caso dos vários clubes presentes no bairro de Pinheiros e vizinhanças, que ali anunciam onde seriam realizados os jogos e as escalações dos times⁶:

6. *A Gazeta*, Edição 6638, 16/03/1928.

A CA-

ia sô-
s Es-
20, 2.
ou das
is dos
A. A.
C. A.
A. A.
t Ver-
lelem,
Israe-
C. C.
rneru-
ay A.
Turf
C.
Tietê,
Sant-
nezes
A. A.
C.
C.
nania,
onfe-
uring
a. A.
A. R.
stano.
Tira-
Gro-
Clube,
Santa
ulista
inhe

NO JARDIM AMERICA

EM

E... DOMINGO!

— E' domingo, o que?
 — Que vamos ter bol. na linha...
 — Por que?
 — Você vae vér, na rua João Moura, lá pelas 14 horas e meia, com quantos paus se faz uma canoa...
 — Mas, afinal, o que é... que você quer dizer com isso?
 — Quero dizer que, o nosso clube, o "valiente" Jardim América, vae roer osso duro...
 — Por que?
 — Vae medir forças com o laureado clube campéão da Consolação.
 — Que clube é esse...
 — O Estrella da Consolação F. C.
 — Até que, enfim, eu pude compreender o que você queria dizer, homem!
 — Então quer dizer que vamos ter um jogo sensacional?
 — E' um jogão...
 — Pois, de certo!
 — Deverá actuar no quadro jardinense o pessoal completo, que, para esse "péga", as comidas são outras...
 — Pois é!
 — Até domingo, no campo da rua João de Moura.
 — Até domingo, mas, não vá esquecer-se.
 — E' um jogão!
 Para esse jogo, estão convidados todos os jogadores e reservas, jardinense, para se apresentarem na sede social, à rua Alvares Guimaraes, 39, às 14 horas.

2883
o União
mios,
les qu
Varzea
O pri
dia en
2.0 J
midos
na".
3.0 J
do VII
4.0
Eden.
5.0 J
União
do".

acel p
possan
dose d
Villa .
da zon
"onça
"gato
tará p
o ryth
forma.
de tati
los, b

O anúncio deste jogo se destaca da maioria, utilizando uma espécie de diálogo entre dois espectadores dos times, para uma partida entre duas fortes equipes de futebol: o Jardim América F.C. e o Estrella da Consolação F.C. O campo do time Jardim América tem como localização a Rua João Moura, 51⁷ — que hoje corresponde ao número 287 da rua, na quadra atualmente entre a Rua Arthur de Azevedo e Av. Rebouças⁸. A sede do clube, local onde se encontrariam os jogadores para ir à partida, se localiza na Rua Alves Guimarães a duas quadras do campo onde o jogo ocorreu.

Os campos de futebol estavam inseridos no bairro e no cotidiano de seus moradores, e dos que ali iam assistir aos jogos. Chama atenção

7. A Gazeta, Edição 6884, 05/01/1929.

8. Livro de emplacamento 24, p. 209 a 212.

o fato de, apesar do loteamento do Jardim América se localizar a leste da Av. Rebouças, o campo de futebol do seu time estar no vizinho Villa Cerqueira César. Esses jogos explicitam em certos momentos a indefinição de algumas fronteiras: Villa Cerqueira César e Jardim América se misturam. Os jogos de futebol acabavam criando sociabilidades entre bairros vizinhos.

Por fim, fica claro como os campos de futebol de Pinheiros eram frequentados por espectadores de diversos pontos da cidade — como os moradores da Rua da Consolação que deviam se deslocar até a Rua João Moura para ver os jogos de seu time. Aos domingos, podemos imaginar que nas ruas de Pinheiros circulavam pessoas de diversas áreas da cidade, atraídas por esses chamados publicados no jornal.

Este mesmo momento de lazer era, em algumas reportagens de jornal, também entendido como um espaço de conflitos e disputas. A reportagem do jornal *O Combate* de 1923 tem como título “*Grande tiroteio em um campo de futebol de Pinheiros*”⁹, e conta como o leiteiro Donato Nolé, morador do bairro, estava assistindo um jogo de futebol em um campo na rua Francisco Leitão, quando se inicia uma discussão entre os jogadores. Um dos jogadores, Vicente Sorrentino, saca um revólver provocando os presentes; Donato Nolé pede que Vicente se acalme, e acaba levando um tiro no antebraço esquerdo.

Os jogos de futebol, além de serem espaços de lazer, nos dão margem para observar quem eram as pessoas que frequentavam esses eventos cotidianos. O leiteiro morador de Pinheiros vê no futebol um momento de lazer, mas acaba se envolvendo em um conflito com jogadores. Os campos de futebol eram algumas vezes entendidos e noticiados, como vemos na reportagem, como espaços de desordem e de confusão, e os jogos no bairro de Pinheiros também eram em alguns momentos compreendidos desta forma.

Na Rua João Moura existe um exemplo de forma de morar presente em vários pontos do bairro de Pinheiros: os conjuntos de casas em série, com casas voltadas para uma rua interna à quadra, popularmente chamados de vila. Um desses conjuntos, a Vila Cândida, se encontra no cruzamento da Rua Teodoro Sampaio com João Moura com portais de entrada voltados para cada uma das duas ruas¹⁰. A vila foi concebida, desde o projeto, como uma forma de morar para os setores médios presentes no bairro, construída em duas fases por volta dos anos de 1928 e 1935. Ali viveram famílias que buscavam além de um local de moradia adequado — que seguia os padrões da legislação do período — proteção e segurança em uma cidade que crescia intensamente.

9. *O Combate*, Edição 2346, 02/04/1923.

10. As informações sobre a Vila Cândida foram retiradas do Relatório de Iniciação Científica da autora, e do capítulo “As casas em série no bairro de Pinheiros: um olhar para a Vila Cândida” do livro *Ruas Paulistanas* (LANNA, 2022).

A rua interna da vila é entendida como um espaço de refúgio, que gera sociabilidades de vizinhança específicas daquele local.

Algumas das famílias que ali viviam tinham condições financeiras de arcar com o pagamento de funcionárias, babás e empregadas domésticas que cuidavam das crianças e das casas — fazendo parte das construções de sociabilidades narradas pelos antigos moradores da Vila Cândida. Uma notícia do jornal *Diário Nacional*, publicada em 1929, parece narrar um conflito envolvendo uma trabalhadora de uma das casas da Vila Cândida¹¹.

11. *Diário Nacional*, Edição 617, 06/07/1929.

A notícia conta que Maria José de Moraes, de 22 anos, viveu ao longo de três anos junto a Vicente Domingos Filho, residente à Rua Oscar Freire, 208. O casal se separou, Maria conseguiu um emprego na casa de José de Souza, na rua João Moura número 135 — e Vicente se casou com outra mulher. A notícia continua:

João Moura, 135.

Após o casamento, Vicente voltou a cortejar a rapariga, e como esta não aceitasse as suas propostas começou a perseguí-la.

Hontem Maria foi a uma venda nas proximidades, afim de fazer compras, ali encontrou Vicente que bebia em companhia de amigos.

Quando Maria se retirava, Vicente acompanhou-a dizendo que precisava falar-lhe.

Seguiram o caminho discutindo.

Quando se aproximavam da casa dos patrões de Maria, foi esta agarrada por Vicente, que a pegou pelos cabellos desferindo-lhe um golpe de navalha.

Maria correu, mas foi perseguida pelo seu agressor, que a alcançou desferindo novos golpes.

A infeliz mulher caiu junto ao portão da casa dos seus patrões, tendo sido por elles socorrida.

Apresentava profundos ferimen-

espadachin
Os solda
receram d
ahi aprese
soldados P
haviam pr

Na pres
Cordeiro C
disse que
trazia far
esse dese
repreensão

O preso
e os autoi
em paz, c
fosse a co
tural dest

Os mil
vergonhos
RIO NAC
o procedi
atitude d

BOND
Na ave

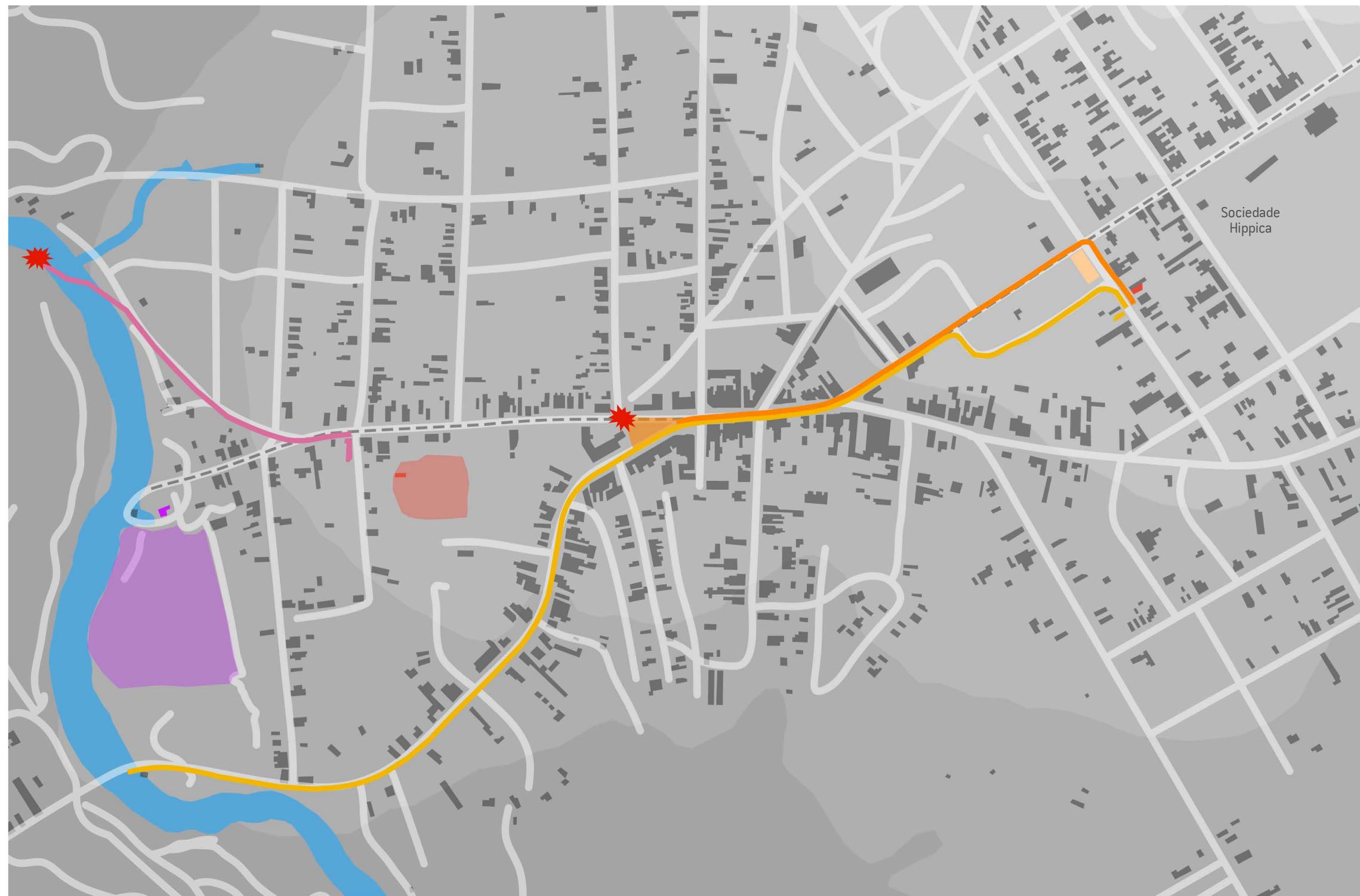
Maria foi levada ao hospital, e a reportagem afirma que o criminoso havia fugido, e aberto o inquérito sobre o caso.

O número 135 da Rua João Moura corresponde ao atual número 861, uma das casas do conjunto da Vila Cândida voltadas para

fora da vila¹². A casa de José de Souza é, muito provavelmente, uma das casas de aluguel, e Maria possivelmente uma empregada doméstica, encarregada de fazer as compras. Na própria Rua João Moura existem alguns comércios que podem ter sido frequentados por Maria, como o “Seccos e Molhados” de Primo Margacigaglia, na quadra vizinha entre as ruas Teodoro Sampaio e Arthur de Azevedo; os botequins de João Zanetti e José Beltini podem ser onde Vicente bebia com os amigos, na mesma rua, avistando Maria¹³. A notícia do crime cometido por Vicente nos mostra uma série de redes que conectam diversos espaços do bairro, diversos deslocamentos e sociabilidades que vão estabelecendo vizinhanças.

12. Livro de emplacamento 24, p. 209 a 212.

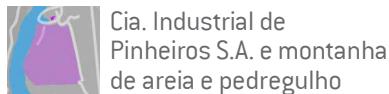
13. *Correio Paulistano*, Edição 22921, 14/05/1927.



Teia 4: cunha gago, paes leme, butantã

lugares

-  Casa com Chácara na Rua Cunha Gago, 23
-  cine Pinheiros
-  nova casa de Roque Martins
-  depósito de lixo na Rua Paes Leme



-  casa de Antonio Sanches



-  choque
-  bonde
-  edificações
-  caminhos
-  corpos d'água
-  topografia

740m

725m

caminhos

-  Francisca Bellizia caminha para a ponte do Rio Pinheiros
-  João Telles da Silveira corre para avisar seu patrão
-  Alvaro Bellizia vai ao Largo de Pinheiros

O jornal *Diário Nacional* publica em 1932 um anúncio de aluguel em Pinheiros, o número 23 da Rua Cunha Gago¹:

CASA COM CHACARA — Aluga-se com 5 commodos, cozinha, banheiro, garage, gallinheiros cobertos e com partes cimentados, tanque para aquaticos, quintal de 16x18 e todo arborizado, em rua calçada, com agua, luz e exgotos, perto do cinema e a cem metros das bondes e omnibus de Pinheiros. Rua Cunha Gago, 23.

O número 23 da rua corresponde atualmente ao número 181, portanto na quadra entre as ruas Teodoro Sampaio e Arthur de Azevedo — muito próximo ao bonde, como anuncia a notícia². A casa também está a uma quadra do Mercado dos Caipiras, importante entreposto comercial de varejo e atacado de verduras, legumes e animais, que atendia a uma demanda do bairro e adjacências, região que no futuro se tornará o Largo da Batata. Algumas ruas ao norte do Mercado estavam a Sociedade Hípica Paulista, associação que promoveu corridas, jogos de pólo, muitas festas e bailes dançantes, frequentada pela elite paulistana e em certos momentos também pela população (LANNA, 2022). Por fim, também próximo à casa do anúncio temos o Largo de Pinheiros, centralidade da qual falaremos mais adiante.

Esta residência aparece como local de um roubo anunciado no *O Combate*, em 1926³. Antonio Fonseca Oliveira, Antonio Joaquim, e Jorge Archivei são apontados como residentes do número 23 da rua Cunha Gago, e queixaram-se ao delegado por terem sido furtados, atribuindo o crime ao “companheiro de quarto José de tal, brasileiro e ex-marinheiro”.

A casa é grande, dando margem a possibilidade de ali conviverem diversas configurações familiares, de situações como o aluguel de quartos realizado em pensões. O quintal da casa, interior da quadra em que a casa está localizada, aparece no anúncio como um protagonista, permitindo a produção de peixes, galinhas, e um pequeno pomar, provavelmente. Ficam claras as diferenças entre esta tipologia e as casas em série do bairro, geralmente menores, com 3 dormitórios, geminadas, otimizando o espaço do lote, produzidas geralmente para apenas um núcleo familiar residindo em cada casa (GENNARI, 2005).

Por fim, vale ressaltar como a própria residência coloca as permanências e mudanças que a cidade passava: o anúncio de uma

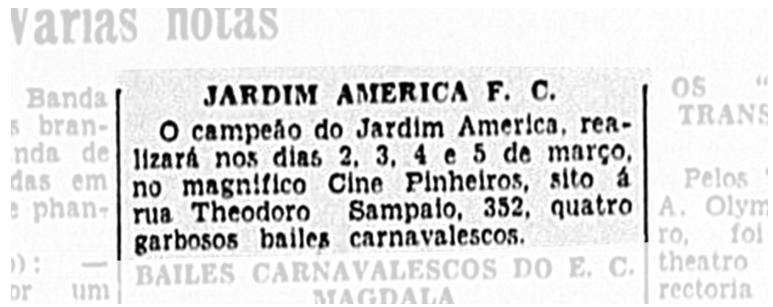
1. *Diário Nacional*, Edição 1395, 25/02/1932.

2. Livro de emplacamento 11, p. 44; Livro 17, p. 138 e Livro 24, p. 305 a 308.

3. *O Combate*, Edição 4199,
23/07/1926.

casa com um galinheiro e tanque para peixes, que convive com a vantagem de se estar próximo ao cinema do bairro. Este cinema mencionado muito provavelmente se trata do Cine Pinheiros, localizado na esquina da Rua Teodoro Sampaio com a Cunha Gago, que além de exibir filmes também era um espaço que promovia bailes como o anunciado em comemoração do clube “Jardim América F.C.”⁴:

4. *Correio Paulistano*, Edição 24214, 01/03/1935.



O mesmo número 23 da Rua Cunha Gago aparece em uma chocante notícia publicada em diversos jornais em 1927, e nos dá pistas sobre como essa residência era utilizada na época. O jornal *A Gazeta* publica a chamada da notícia “As tragédias da vida”, com o olho que chama atenção: “Porque não via os netinhos, matou-se uma senhora — Um filho da suicida tenta matar o cunhado — A polícia no local — Antecedentes”⁵.

A trágica notícia conta a história de Francisca Bellizia⁶, de 48 anos, casada com André Bellizia, que residia com os filhos, o genro Roque Martins, e os netos no número 23 da Rua Cunha Gago. Na lista de impostos de 1928, vemos “André Bellizoa” como proprietário de uma padaria e uma cocheira também na Rua Cunha Gago, e apesar da grafia diversa no nome podemos supor ser o marido de Francisca⁷. Neste mesmo endereço, em 1926, vemos a notícia dos três homens que queixavam-se de terem sido furtados por um companheiro de quarto⁸. No endereço de residência, portanto, já podemos perceber como diversos núcleos familiares e não familiares compartilham uma mesma casa, ou possivelmente compartilham cômodos de uma pensão.

Quando a filha de Francisca falece, Roque Martins, estando agora viúvo, decide transferir sua residência para o número 38 da mesma rua, levando consigo os netos de Francisca. A notícia conta com forte dramaticidade que ao ser afastada de seus netos, Francisca sentia muita saudade:

5. *A Gazeta*, Edição 6421, 29/06/1927. Na reportagem é citada como residência de Francisca Ballizia Rua Cunha Gago 20. Os livros de emplacamento mostram uma mudança nas numerações da rua em 1927, e este passou a ser o número 23 (Livro de emplacamento 11, p. 44).

6. O sobrenome da família é escrito de maneiras diferentes ao longo da notícia, adotaremos aqui a mais recorrente “Bellizia”.

7. *Correio Paulistano*, Edição 22276, 24/06/1928.

8. *O Combate*, Edição 4199, 23/07/1926.

ICO

Socie-
o iti-
o "A-
hon-
roje a

a

ão do

sorruçao, nao por elle e sim pelos quais filhinhos — adoração da pobre mulher. Roque, por inexplicavel capricho teimou na sua decisão e transferiu-se á- quella casa. Desde então, affastados de seu lado os netinhos queridos, Francisca entrou a pensar em morrer. Ella não comprehendia a attitude do genro. De facto, foi mesmo uma perversidade de Roque o arrancar dos braços da avô afflictia, as innocentes criaturinhas que na boa velha encontravam uma segun- da mãe, carinhosa e dedicada. Uma saudade enorme se apoderara

que a torturava... E hontem, ao anoitecer, deixando o seu lar, Francisca encaminhou-se para o rio Pinheiros e, depois de ajoelhada a uma das margens e ter orado por al- gum tempo, precipitou-se nas águas...

Horas depois, conhecida a triste no-
ticia, fuida ann Tietê a São Paulo

De fa-
do Alvi-
so firn-
angusti-
que av-
ao que
mal-o i-
Alvar-
se, Cris-
nha da-
passos
duas vi-
perdeu-

toridade
indo ao
que lhe
rido par-
cia, de
socorro:

O erin-

O suicídio de Francisca, nas margens do Rio Pinheiros, nos transporta a esse lugar do bairro, que em certos momentos é abordado pelos jornais do período por uma série de reclamações feitas da área. A Rua Paes Leme e a Rua Butantã eram duas conexões existentes entre o Largo de Pinheiros e as margens do rio — sendo a segunda, caminho utilizado para chegar à fazenda do Instituto Butantã, importante centro de pesquisa que atraía ao local muitos pesquisadores nacionais e internacionais. A denúncia publicada em 1917 no jornal *A Gazeta* nos conta um pouco mais sobre a área⁹.

A notícia alerta a existência de um depósito de lixo em um terreno comprado pela prefeitura de um chacareiro, na Rua Paes Leme. A rua, além de ser um viveiro de moscas, tem inúmeras poças de água estagnada, problema que “resulta transformar-se em chiqueiros terrenos altos entre prédios habitados e com prejuízo da saúde dos moradores”. Vizinho a esse local, a “Cia Industrial de Pinheiros, S.A.” anuncia em 1927 a venda de areia e pedregulho, com o material disponível para pronta entrega — podendo ser comprado na sede da companhia City na rua Libero Badaró, ou no “Porto”, que tem como endereço a “Rua Paes Leme (fim)”. Na década de 1920 a extração do material ocorria nos leitos dos rios Tietê e Pinheiros, depositados em portos de areia como o existente no fim da Rua Paes Leme (SEABRA, 2015). Vemos,

9. *A Gazeta*, Edição 3348, 26/03/1917.

10. *O Estado de São Paulo*, 22/01/1927.

portanto, as margens do rio como essas áreas alagadiças, utilizadas como aterro sanitário e com reservas de areia e pedregulho para venda.

O *Estado de São Paulo* publica em 1926, um crime ocorrido nas margens do Pinheiros — que nos mostra um pouco mais sobre como as áreas de várzea eram ocupadas: o barqueiro João Telles da Silveira tirava água de uma barca sobre o rio, quando foi agarrado por cinco indivíduos mascarados, que o levaram para o interior de uma draga¹¹. João foi ameaçado de morte pelos assaltantes, exigindo que entregasse várias peças do motor da draga. O barqueiro se recusou, e os assaltantes o amarraram e depredaram o local, despejando óleo sobre a draga e ateando fogo, correndo em seguida para uma das margens do rio. A narrativa segue:

io rio.
João Telles, em meio às chamas prestes a atingi-lo, lembrou-se de que tinha, à cintura, uma pequena faca e, após esforços ingentes, conseguindo desmanhalá-la, cortou as cordas em que estava amarrado. Uma vez livre, mal teve tempo de se atirar ao rio e ganhar a outra margem, oposta à em que ficaram os bandidos assistindo ao incêndio que invadia com intensidade.

tar qual
Uma d
ram a i
que natu
barqueiro
os incen
dos da C
timamen
ma.
O sr. S
de facto,
alguns h
recentem
O barq

Ao chegar à margem, João Telles vai avisar o ocorrido a seu patrônio, Antonio Sanches, que residia à Rua Paes Leme 51, “director-gerente da Sociedade Anonyma Companhia Sanchez, a quem pertencem a draga e as barcas”. O número corresponde ao atual 321 da Rua Paes Leme, na esquina da mesma com a Rua Amaro Cavalheiro, local a poucas quadras do Largo de Pinheiros¹².

João Telles e Antonio Sanches, acompanhados de policiais, retornam ao local do crime, verificando que das seis barcas próximas da draga incendiada, duas haviam sido destruídas pelo fogo. A reportagem recebe a informação de um dos barqueiros da desconfiança de que os incendiários eram empregados da companhia que haviam recentemente sido despedidos; “O sr. Sanches confirmou que de facto, tivera a seus serviços alguns hungaros, que despedira recentemente”.

Nos primeiros momentos de extração de areia e pedregulho, tanto no Rio Pinheiros quanto no Rio Tietê, esta era realizada a mão

11. *O Estado de São Paulo*, 02/04/1926.

12. Livro de emplacamento 8, p. 198; Livro 28, p.319 a 320; e Livro 19A, p. 205.

por barqueiros avulsos; com o aumento da necessidade do produto para a cidade que crescia, novas formas de organização de trabalho surgiram, como o proprietário de uma draga e de diversas barcas que contratava barqueiros — caso de Antonio Sanches e João Telles. As várzeas se constituíram, portanto, como uma intensa fonte de recursos para barqueiros no Rio Pinheiros até por volta dos anos 1940, quando se inicia a retificação do rio pela Companhia Light e a retirada do material ocorre junto às obras (SEABRA, 2015).

Observando algumas bases cartográficas históricas que temos de Pinheiros, vemos a representação dessas áreas próximas ao corpo do rio como ocupadas por poucas casas. Essas áreas alagadiças dos rios receberam o discurso de apenas terem sido ocupadas após a retificação do Rio Pinheiros, mas eram espaços com terrenos mais baratos, ocupados sim por muitas moradias; não eram realmente vazios desocupados. O olhar a diferentes fontes nos permite perceber as lutas por espaço nessa área, compreendendo quem eram as pessoas que circulavam constantemente por ali.

A existência de um depósito de lixo exige a circulação dos carroceiros de recolhimento da limpeza pública, que aparecem nos jornais envolvidos em acidentes de trânsito pelo bairro. Além disso, os barqueiros circulavam pelo local, junto aos trabalhadores da Companhia City que com as dragas retiravam a areia e pedregulho do Rio Pinheiros. O lugar também era local de moradia de diversas pessoas — do dono da barca ao barqueiro. A várzea aparece como um local de extrema disputa, entre usos públicos e privados, espaço de trabalhadores, conexão com a outra margem e o bairro de Pinheiros.

A tragédia de Francisca Bellizia narrada pelo jornal *A Gazeta* não se encerra em seu suicídio no Rio Pinheiros. Um dos seus filhos, Alvaro Bellizia, segundo a notícia movido pelo rancor da morte de sua mãe por culpa de Roque Martins, resolveu vingar sua morte. Alvaro se dirige, armado de um revólver, ao Largo de Pinheiros, onde sabia encontraria o cunhado.

go, rest- | **O moço caminhava** apparentemente
a Belli- | **calmo pela rua Theodoro Sampaio, la**
-a. Em com- | **alheiado de tudo que** em torno se pas-
-vam os | **sava. Não via nada, nada lhe chamava**
ins, de- | **a attenção. Tinha um proposito. Matar**
-reliante. | **o cunhado. Sahira de casa empolgado**
por um | **por essa idéa. Ia direito ao fim. Si Ro-**
erir sua | **que cruzasse com elle na rua talvez**
da mes- | **nem o visse...**

Ao chegar no Largo, foi ao local onde tinha certeza que encontraria o cunhado, e quando o encontrou tiveram um discussão e briga resultando em dois tiros dados por Alvaro em Roque. Os populares que ouviram o som da arma efetuaram a prisão do criminoso, encaminhando Alvaro à polícia.

A partir da segunda parte da notícia envolvendo a família Bellizia, vemos como cenário da história outro espaço do bairro, o Largo de Pinheiros. Na notícia percebemos um espaço com populares atentos ao que se passava, um centro onde Alvaro tinha certeza de que encontraria Roque Martins.

O Largo aparece como centralidade do bairro em reclamações sobre seu estado no começo do século, localizado segundo o Mapa SARA Brasil no encontro entre a Rua Paes Leme e a Rua Butantã, em frente à Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate. A Sessão Ordinária da Câmara do dia 3 de novembro de 1911 deu atenção a uma reclamação do transporte de tijolos, areia e outros materiais, realizados pela *“Light and Power”*¹³. Alcantara Machado pede que a prefeitura olhe para o Largo de Pinheiros, onde esses materiais estão sendo carregados nos bondes de carga, o que contribui para um intenso trânsito e sujeira no largo, *“que é o ponto principal do povoado”*.

Outra reclamação, esta publicada no jornal *A Gazeta* alguns anos depois da anterior, nos descreve um espaço um pouco diferente¹⁴. O narrador pega o bonde da Rua Teodoro Sampaio, descendo no Largo, e descreve o que vê:

Apósemos do bonde no largo de Pinheiros. Na metade desta praça o matto cresce florescentemente e em absoluta liberdade. As vallas e os buracos são inumeros e cheios de lixo e imundícies e d'água putrefacta. Si chegarmos alli depois de 17 horas, este largo mais parecerá um curral, tal é a quantidade de vacas, cabras e cavallos que por alli pastam tranquillamente. Os elas vaguelam em bandos numerosos por todos os cantos. Ao entrarmos na rua do Commer-

O narrador continua descrevendo que nos campos abertos dentro do bairro acontecem caçadas com grandes matilhas e espingardas, que mesmo proibidas por lei, ali ocorrem por falta de fiscalização. A reclamação se encerra com a afirmação: “[...] Em todo Pinheiro e Butantan não havia então um unico fiscal da Prefeitura! Isto se dá em Pinheiros, o caminho para o Instituto de Butantan, contantemente visitado por hospedes illustres”. Segundo o reclamante, o bairro é caminho para importantes visitantes da cidade que se dirigem ao centro de pesquisa do Instituto Butantan, não podendo ser um local de mato, lixo e buracos abundantes.

Vemos um espaço que reúne muitas características, com uma sobreposição de inúmeros discursos; o Largo é, portanto, frequentado por rebanhos, matilhas, pela linha de bonde que ali tem um ponto desde 1909, as carroças da limpeza pública em direção ao depósito no rio, os transportes de areia, pedregulho e tijolo de diferentes empresas, os carros de ilustres visitantes, além dos inúmeros agricultores da região que passavam por ali para ir em direção ao Mercado do Caipiras, também conhecido como Mercado de Pinheiros (REALE, 1982). Essa confluência de transportes diferentes no mesmo largo gera uma série de acidentes, materializando a disputa por espaço no largo. Um desses exemplos é o “Abalroamento” noticiado no jornal em 12 de Maio de 1937¹⁵, choque entre uma carroça e um bonde ocorrido no Largo de Pinheiros:

15. *O Estado de São Paulo*,
12/05/1937.

ABALROAMENTO

No largo de Pinheiros, hontem, às 12 horas, a carroça n. 5.694, guiada por João Luiz de Oliveira, de 33 annos, solteiro, residente na estrada de Cotia, rua 2, foi abalroada pelo bonde 1641, linha “Pinheiros” guiado pelo motorneiro Caecimiro Meskeuna.

Em consequencia do desastre, o carroceiro foi cuspido da boléa, sofrendo, na queda, ferimentos de natureza leve na cabeça. Encaminhada ao posto da Assistencia, a vítima recebeu os curativos necessarios, prestando, em seguida, declarações no inquerito instaurado a respeito.

doenças
mais be
de que
com a a
ponde q
xar o le
estes, as
da maio
eu fraco
ma, ad
mixta, i
dor que a
trabalho
bem me
vocado.
A pate
ferida p
ro: que (

“A bôa
tancia e
orador (

Chegada

O olhar que colocamos ao bairro de Pinheiros, através das fontes escolhidas, nos mostra um bairro extremamente heterogêneo em diversos aspectos. Vemos nas descrições das notícias diferentes nomes para as moradias do bairro: o casebre de Benedicta Alves, sem endereço com apenas a localização de “baixada da Rua Arco Verde”; a palhoça de Benedicto e Angelina; temos o barracão em que a família de doentes reside na Rua Mourato Coelho, derrubado pela Companhia City; temos as casas em série geminadas da Vila Cândida na Rua João Moura e o palacete modelo na Rua Cônego Eugênio Leite; a casa com chácara onde a família de Francisca Bellizia possivelmente residia; o número 100 da rua João Moura, lulanar de Ricardina Oliveira, onde ocorrem encontros e bailes. A diversidade de formas de morar no bairro e sobreposições de usos nos oferece uma compreensão diversa da cidade que crescia naquele momento.

Outra heterogeneidade que vale ser destacada consiste nos transportes e deslocamentos que ocorrem pelo bairro. Vemos que nas ruas de Pinheiros circulavam carros, carroças, cavalos, carretas, barcos, bondes de transporte de pessoas e de materiais, além de claro os deslocamento a pé — que na escala do bairro aparece em muitas narrativas de notícias.

Além da rua, vemos a presença dos deslocamentos realizados pelo interior da quadra; este se torna caminho, lugar de cultivo e da criação de animais, lugar da briga. O caminho nas cartografias elaboradas para o trabalho se forma a partir da constante passagem das pessoas que constroem o bairro, trajetos evidenciados no levantamento aéreo de 1940. Todos esses meios de transporte constantemente entram em conflito, brigando por espaço nas ruas, ao mesmo tempo em que promovem a ocupação do bairro.

A composição do bairro também é claramente diversa. Não notamos, pelas notícias, discursos que apontem a predominância de imigrantes de apenas uma nacionalidade; ao contrário, vemos espanhóis, portugueses, húngaros, italianos — e muitos *brasileiros* — atuando em diversas áreas do bairro. Setores mais simples da população são reconhecíveis no bairro através das descrições de suas residências, assim como os setores médios, e situações de extrema vulnerabilidade social.

A cor da pele é em poucos momentos evidenciada nas descrições de notícias — e quando é explicitada, geralmente é associada a moradores mais pobres que habitam nas áreas de baixada do bairro, como no caso da família de Benedicta Alves e Benedicto Claro de Nascimento. As situações que fogem desse esteriótipo são difíceis de serem capturadas nas notícias; vemos a população negra como moradora do bairro descrita de forma sutil, quase imperceptível, como no caso de “*José de tal*”, brasileiro e ex-marinheiro acusado de roubo no número 23 da rua Cunha Gago; por seu sobrenome podemos supor que era negro.

Por fim, através das notícias podemos trazer a discussão dos limites do bairro. Além da clara oscilação já apresentada, com indefinidas fronteiras do que é o Pinheiros e o que são vizinhos, podemos perceber que o bairro no início do século XX se apresentava dividido. Mesmo realizando a pesquisa através do nome de ruas, é possível perceber a existência de duas regiões que compõem o bairro: o loteamento de Villa Cerqueira Cesar, com a malha urbana quadriculada, e Pinheiros com o desenho de ruas ligado ao passado de aldeia indígena, com quadras irregulares e um traçado preservado até o presente.

Com a passagem das décadas no século XX, essa divisão parece cada vez menos marcada. A ocupação dessas áreas pode também estar conectada a essa divisão: na década de 1910, vemos uma maior ocorrência de notícias nas ruas próximas ao centro antigo de Pinheiros — como a rua Cunha Gago — e próximas à Avenida Municipal (atual Av. Dr. Arnaldo), como a rua Capote Valente. Essa percepção nos dá pistas de uma expansão da malha urbana que não parte do centro da cidade para suas periferias, mas sim cria uma conexão entre áreas já inicialmente povoadas. A partir dessa ideia, poderíamos compreender a ocupação do bairro partindo de duas extremidades, o núcleo antigo do bairro e áreas próximas ao cemitério da Consolação, que se expandiram mutuamente principalmente durante a primeira metade do século XX.

É impossível chegar ao final do longo caminho desenvolvido por este trabalho, sem chegar ao presente do bairro e sua valorização imobiliária intensa. Sua proximidade do centro antigo e de áreas como a Avenida Paulista e a Avenida Rebouças; a implantação das estações de metrô Oscar Freire, Fradique Coutinho e Faria Lima da Linha 4-Amarela; os eixos de conexão com outras áreas da cidade através das ruas Teodoro Sampaio, Cardeal Arcoverde, Henrique Schaumann e Rebouças que cortam o bairro; sua proximidade a centros financeiros como o da Avenida Faria Lima; o crescimento de bares e comércios nos últimos anos. Essas são algumas das razões que tornaram

o bairro um forte atrativo para a construção de empreendimentos habitacionais e comerciais.

Essa supervalorização dos terrenos do bairro de Pinheiros muitas vezes não foi acompanhada da também valorização das edificações mais antigas. Atualmente muitas casas em série e vilas que ocupam lotes pequenos têm sido derrubadas para seu remembramento, possibilitando assim a construção de empreendimentos maiores. Esse processo já ocorreu no passado em certos locais do bairro — verticalização que buscou ser controlada desde a Lei de Zoneamento nº 7.805 de 1972 — e atualmente continua a ocorrer de forma mais intensa (ZANETTI, 1988, p.165).

Paralelamente a esse processo, vemos uma forte apreciação da forma de morar existente em algumas vilas preservadas do bairro. Solange Aragão descreve como desde os anos 1980 as vilas passaram por um processo de valorização por proporcionarem características muito procuradas em empreendimentos atualmente. Além de geralmente estarem em áreas hoje valorizadas de São Paulo, estas muitas vezes são fechadas por portões e grades — amparadas pela lei nº 10.898/1990 — agregando ao valor do imóvel a segurança.

O fechamento das vilas é concomitante a um processo de supervalorização dessas casas e dessa forma de viver. Na Vila Cândida por exemplo, citada em umas das teias do trabalho, as casas são hoje vendidas por valores muito altos no mercado, com famílias de altas condições financeiras comprando vários imóveis na mesma vila, e realizando reformas internas como a união de casas para a formação de mansões (CARNEIRO, 2019).



Fig. 10: Demolição em 2018 de parte das casas da Vila Cândida voltadas para a Rua João Moura. Ao fundo vemos as casas voltadas para a rua interna da vila.

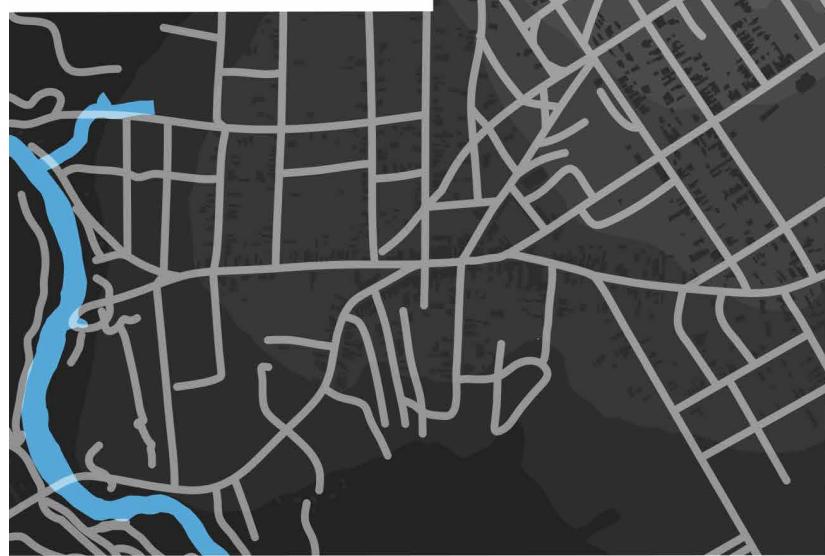
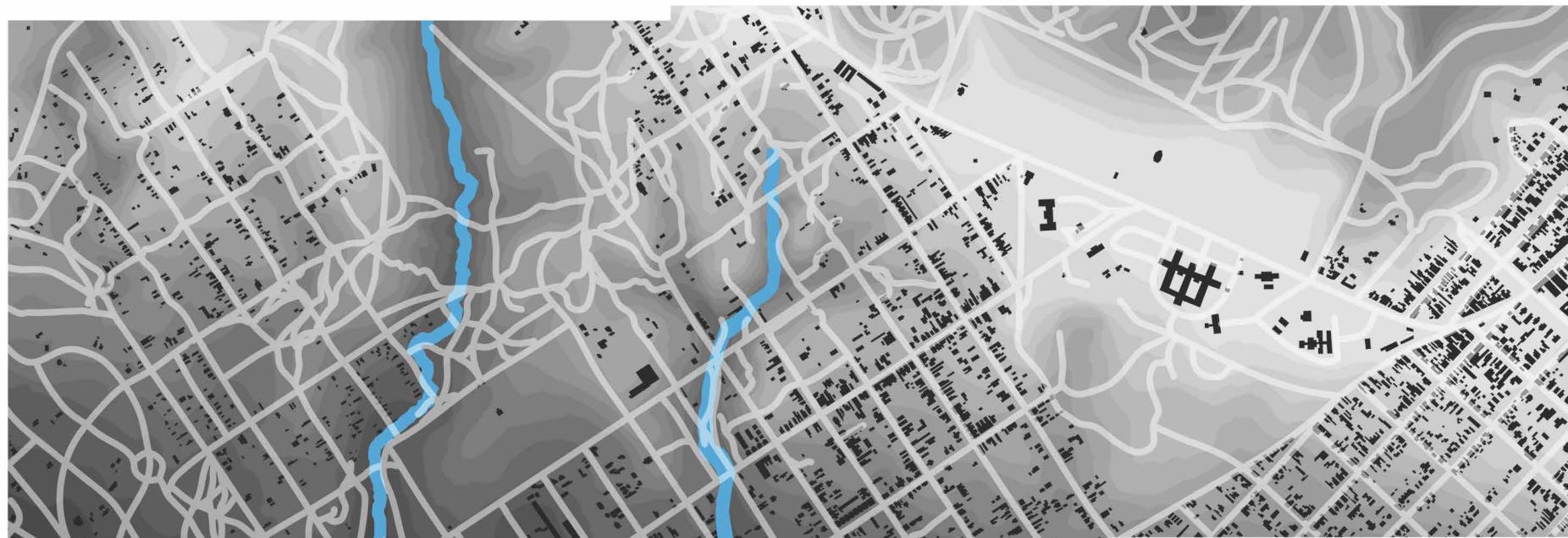


Fig. 11: Mosaico formado pela composição das quatro cartografias criadas para o trabalho.

Buscamos, por fim, a partir dos mapas e reflexões das cartografias criadas para as quatro teias de cotidiano, formar uma nova cartografia do bairro; a composição se constitui a partir de um mosaico, assim como as bases de 1930 e 1940. Esta nova leitura apresenta lacunas evidentes em branco; não se propõe registrar a uma suposta totalidade do bairro de Pinheiros e definir seus limites precisos. Demos ênfase aos caminhos que formaram o bairro, e exatamente por serem compostos por elementos de bases de dois períodos diferentes, não registram um momento específico no passado.

O bairro tem passado por mudanças em sua paisagem ao longo dos anos, e de forma mais intensa nos períodos mais recentes. Consequentemente, as teias de cotidiano que descrevemos neste trabalho não são as mesmas que constituem as relações do presente no bairro, mas algumas de suas características seguem existindo. As mudanças na topografia ainda se fazem presentes, com ruas agora cortadas por grandes escadarias vencendo os desniveis, subidas e descidas marcantes. O uso das casas em série do bairro se preserva como extremamente misto — voltado em sua maioria para um consumo dos altos setores moradores do bairro; em compensação, ainda podemos em algumas ruas ver a existência de pequenos comércios de armarinhos e bares.

Os limites do bairro seguem ainda turvos e se confundem com os vizinhos. A região vizinha à Av. Rebouças não se coloca mais com campos de futebol e pastos, e sim como uma área de intensa passagem, comércios, e que agora também recebe a construção de novos empreendimentos.

A Rua Teodoro Sampaio se mantém como uma centralidade comercial do bairro e conexão com outras partes da cidade. Algumas travessas e trechos de longas ruas de Pinheiros parecem preservar uma confusão entre o espaço do pedestre e dos automóveis — apesar da existência marcada da calçada. Atravessar a rua fora da faixa de pedestres é algo que sempre se vê no bairro, seja por quadras pouco movimentadas, ou por obras da construção de edifícios que engolem as calçadas, dificultando a passagem de pedestres.

As fontes deste trabalho, quando unidas aos mapas confeccionados, nos mostram um bairro extremamente heterogêneo, plural, perpassado por diversos caminhos dos variados agentes que ali brigam por espaço. Vemos as intensas transformações de uma região afastada da cidade em bairro, e de sua inserção como parte do processo de metropolização de São Paulo.

figuras

Fig. 1 (p.10): Levantamento da cidade de São Paulo encomendado pela Secretaria da Aquicultura do Estado de São Paulo em parceria com o Ministério da Agricultura, em Junho de 1940, recorte da folha 59. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx . Acesso em 12 ago.2021

Fig. 2 (p.12): Mapa elaborado pela autora, base Mapa SARA Brasil, GeoSampa, 2014. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx . Acesso em 12 ago.2021

Fig. 3 (p.17): Espacialização das fontes georreferenciadas realizada pela autora através da ferramenta Google MyMaps, disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/>

Fig. 4 (p.18): Parte do carimbo da Folha 63 do Mapa SARA Brasil de 1930, na escala 1:5.000. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info37/i-mosaico5000.htm> Acesso em 22 mar.2022.

Fig. 5, 6 e 7 (p.19-20): Recortes do “Mapa topográfico do município de São Paulo” S.A.R.A. Brasil, 1930, e das fotografias aéreas de 1940.

Fig. 8 (p.21): Recortes das Fotografias aéreas de 1940, elaborados pela autora.

Fig. 9 (p.22): Recortes das cartografias elaboradas pela autora para o trabalho.

Fig. 10 (p.75): Fotografia tirada pela autora, em 16 jul. 2018.

Fig. 11 (p.76): Mosaico das cartografias elaborado pela autora.

fontes

Atas da Câmara Municipal

Todas as atas foram retiradas do Centro de Memória CMSP. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/> Acessos de Agosto a Novembro de 2021. As consultas foram realizadas a partir dos nomes das ruas do bairro de Pinheiros, e em alguns momentos instituições ou edifícios específicos, como para o Incinerador do Araçá.

Notícias de Jornais e anúncios

Retiradas da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital, disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessos de Junho a Novembro de 2021. Para o jornal *O Estado de São Paulo*, foi consultado o Acervo Estadão, disponível em <https://acervo.estadao.com.br/procura/>. Acessos de Junho a Novembro de 2021. Em ambos os casos as pesquisas foram realizadas com os nomes das ruas do bairro.

Lista de Imposto de Indústrias e Profissões

Publicada no Correio Paulistano na Edição 22921 de 1927, p. 20 e 22, e na Edição 23276 de 1928, p. 17 e 18 para as ruas pesquisadas. Também retiradas da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital. Acessos de Junho a Novembro de 2021.

Livros de emplacamento

Parte do Acervo Permanente do Arquivo Histórico Municipal. As consultas são presenciais, a partir de horário marcado, e com o aviso prévio das ruas que serão consultadas. Visitas realizadas no mês de Outubro de 2021.

mapas históricos e imagens aéreas

.....

PORTAL GEOSAMPA (São Paulo). **Foto do Levantamento aerofotogramétrico da Cidade de São Paulo em 1954.** São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1954. Escala 1:2.000. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 12 ago.2021.

PORTAL GEOSAMPA (São Paulo). **Fotografias aéreas de 1940. Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo e Ministério da Agricultura, 1940.** Escala 1:2.000. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 12 ago.2021.

PORTAL GEOSAMPA (São Paulo). **Mapa topográfico do município de São Paulo. São Paulo: SARA Brasil, 1930.** Escala 1:5.000. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 12 ago.2021.

referências

- ARAGÃO, S. M. L. de. **Da persistência do ecletismo nas vilas paulistanas**. Dissertação (Mestrado)—São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2000.
- BORIN, M. F. **A Barra Funda e o fazer da cidade: experiências da urbanização em São Paulo (1890-1920)**. Mestrado em História Social—São Paulo: Universidade de São Paulo, 15 maio 2014.
- BORIN, M. F. Acervos históricos e estudos da urbanização: o cruzamento de fontes urbanísticas e judiciárias como recurso metodológico. In: CABRAL, Cláudia C. & COMAS, Carlos E. (Orgs.). **Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, p. 18, 2016.
- BRESCIANI, M. S. Sanitarismo e configuração do espaço urbano. Em: **Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo e urbanização (1893)**. CORDEIRO, Simone Lucena (org). São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo : Imprensa Oficial, 2010. p. 15 a 33.
- CARNEIRO, E. Z. **Vilas particulares de casas em série: um estudo da Vila Cândida**. São Paulo: Relatório de Iniciação Científica para bolsa CNPq - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, ago. 2019.
- FAUSTO, B. **Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880 - 1924)**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.
- FAUSTO, B. **O crime da Galeria de Cristal e os dois crimes da mala São Paulo, 1908-1928**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- GENNARI, L. A. **As casas em série do Brás e da Mooca: um aspecto da constituição da cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado)—São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2005.
- KOLLEKTIV ORANGOTANGO (ED.). **This is not an atlas: a global collection of counter-cartographies**. First edition ed. Bielefeld: Transcript Verlag, 2018.

KUVASNEY, E. Os mapas como “operadores espaciais” na construção da cidade de São Paulo do início do século XX. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 167–182, ago. 2016.

KUVASNEY, E. **A representação da cidade de São Paulo nos albores do século XX: os mapas como operadores na construção da cidade espalhada**. Tese (Doutorado)—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

LAMAS, A. et al. (EDS.). **Atlas ambulante: Walking atlas**. Belo Horizonte, Brasil: Instituto Cidades Criativas, 2011.

LANNA, A. L. D. (ED.). **Ruas Paulistanas**. São Paulo: Alameda, 2022.

MARQUEZ, R. M. O mapa como relato. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 30, n. 0, p. 41–64, 8 abr. 2014.

MASCARENHAS, G. São Paulo: a cidade e o futebol. **Revista Digital efdeportes**, v. Ano 8, n. no 46, 2002.

MENDES, R. S.A.R.A. Brasil: restituindo o Mapa Topográfico do Município de São Paulo. **Informativo Arquivo Histórico de São Paulo**, v. ano 10, n. 37, dez. 2014.

MENDES, R. 1940, São Paulo: um mapeamento desconhecido. **Informativo do Arquivo Histórico de São Paulo**, v. ano 11, n. 38, ago. 2015.

RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REALE, E. **Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982.

SANTOS, L. A. de C.; FARIA, L.; MENEZES, R. F. de. Contrapontos da história da hanseníase no Brasil: cenários de estigma e confinamento. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 25, n. 1, p. 167–190, jun. 2008.

SEABRA, O. C. DE L. **Os meandros dos rios nos meandros do poder: Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na Cidade de São Paulo**. São Paulo: Alameda, 2015.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, D. M. M. da. **A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)**. Dissertação (Mestrado)—São Paulo: FFLCH, 2013.

ZANETTI, V. Z. A produção da forma urbana: Pinheiros, São Paulo (1890-1980). Dissertação (Mestrado)—São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1988.

Este caderno foi impresso em Junho de 2022, em offset 90g e 150g, com capa em laminação hotmelt fosca. As fontes utilizadas foram Baskerville, Roboto e Conduit ITC.